

ROTA

DO

***Aqui dentro**

O motivo

A Rota do Românico nasceu há 16 anos. Tempo para parar e pensar. No passado, no presente e no futuro

O conteúdo

Reflexão, opinião, reportagem, roteiros, autarcas, anónimos, imagem. Ou a alma do Tâmega, Sousa e Douro



ROMÂNICA

ROMÂNICO

Organização



***Editorial**

Ficha técnica

Diretor **Manuel Tavares** Diretores-Adjuntos **Alfredo Leite** e **Fernando Santos** Subdiretores **Jorge Fiel** e **Paulo Ferreira** Conceção e paginação **Joana Koch Ferreira** e **Pedro Pimentel** Edição **Paulo Ferreira** Textos **José Vinha** e **Tiago Rodrigues Alves** Fotografia **Global Imagens** Tratamento de Imagem **Pedro Tomé**

Os teorizadores desse fenómeno que entrou pelas nossas casas adentro sem pedir licença e a que chamamos globalização estão certos, quando dizem que uma das características deste (imparável) movimento é a sua duplicidade. Isto é: ao mesmo tempo que cria condições para o aparecimento de grandes espaços políticos e geopolíticos e de gigantes económicos, a globalização coloca em cima da mesa um importante desafio identitário. Que é este: como mesclar o local no global? A resposta está no glocal, forma de dizer: não fechamos a porta ao global, antes aproveitamos as oportunidades que ele nos oferece para exponenciar o que só o local tem.

Há vastos exemplos dos frutos dados por esta boa vizinhança. Nesta revista, elaborada pelo JN com o preciosíssimo contributo dos principais atores institucionais dos vales do Sousa, Tâmega e Douro, o leitor encontrará mais um. A Rota do Românico viu a luz do dia há 16 anos. De lá para cá, cresceu, fez-se “gente”, amadureceu, transformou-se num dos mais extraordinários projetos de (boa) interligação institucional de todo o país.

As várias razões do sucesso encontram-se nas páginas que se seguem. Mas há duas que devem ser destacadas.

Primeira: os municípios que integram a Rota souberam perceber que o global é o local sem janelas, como um dia sabiamente disse Miguel Torga. Vale o mesmo dizer: souberam olhar para o projeto com a lente supramunicipal, esquecendo a castrante “teoria da quintinha”.

Segunda: a qualidade da equipa que, todos os dias, faz a Rota andar. Não há bons projetos que não nos tomem conta de parte do coração e de parte da alma. E quem conhece a equipa da Rota sabe que ela está onde está de alma e coração. Isso nota-se. Como o leitor verá quando chegar à página 48.

O LOCAL, O GLOBAL, A ALMA, O CORAÇÃO



02

Editorial

Paulo Ferreira
(Subdiretor do
Jornal de Notícias)

17

Opinião

LUÍS BRAGA DA CRUZ
Presidente
da Fundação
de Serralves

22

Apoio ao turista

Para que nada passe
ao lado

34

Turismo

Quatro exemplos
imperdíveis para bem
comer, descansar
e divertir-se

39

Conservação

16 milhões
para restaurar
o património

42

Palcos

Quando as sombras
iluminam
o caminho

N D I C

06

História da Rota

Recuperar o passado para assegurar o futuro

08

Entrevista

INÁCIO RIBEIRO
Presidente da VALSOUSA

10

Reportagem

A Rota olhada e sentida por quem a não conhece

18

Fazedores

São 15 os que tratam, todos os dias, da Rota

19

Opinião

D. PIO ALVES
Presidente da Comissão Episcopal da Cultura

20

Entrevista

GONÇALO ROCHA
Presidente da CIM do Tâmega e Sousa

24

Opinião

EMÍDIO GOMES
Presidente da CCDR-N

25

Roteiros

Percursos nos vales do Sousa, Tâmega e Douro

32

Entrevista

ROSÁRIO MACHADO
Diretora da Rota do Românico

36

Recuperação

O exemplo da Casa Valxisto

37

Cultura

Imagem animada e Abi Feijó dão museu a Lousada

38

Serviço Educativo

Um arsenal pedagógico que tem dado frutos

40

Centro de Estudos

Ajuda preciosa para conhecer o passado

41

Opinião

JOÃO COTRIM DE FIGUEIREDO
Presidente do Turismo de Portugal

42

Entrevista

MANUEL MOREIRA
Presidente da Associação de Municípios do Baixo Tâmega

48

Autarcas

Têm a palavra os Presidentes das Câmaras

50

Opinião

ANTÓNIO PONTE
Diretor Regional de Cultura do Norte

51

Quizz

Um teste ao que aprendeu ao longo das leituras

*História da Rota

1998

Estudo de inventariação e seleção do Património Românico do Vale do Sousa

2003

Início das obras nos monumentos do Vale do Sousa

2006

Constituição formal da equipa gestora da "Rota do Românico"

2008

Apresentação pública da Rota do Vale do Sousa

2009

Adesão à Transromânica

2010

Alargamento do Rota ao Tâmega, passando de seis para 12 concelhos

2011

Congresso Internacional da Rota do Românico

2012

Criação do Centro de Estudos do Românico e Território

2013

Início do "Palcos do Românico"

Recuperar o passado para assegurar o futuro

Há 16 anos lançou-se a semente deste projeto. Deu fruto, cresceu – e continua a crescer cada vez mais sólido



Medalha de Ouro Mérito Municipal

(2012), atribuída pela Câmara Municipal de Lousada.

Prémio Novo Norte

Boas Práticas de Desenvolvimento Regional 2009/10 | Norte Civitas (2010), atribuído pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte e pelo Jornal de Notícias.

Medalha de Mérito Turístico

(2010), atribuída pelo Governo português.

XXXV Troféu Internacional

de Turismo, Hotelaria e Gastronomia (2010), atribuído no âmbito da FITUR - Feira Internacional de Turismo, em Madrid, Espanha.

Prémio Turismo de Portugal

2009 | Requalificação de Projeto Público (2010), atribuído pelo Turismo de Portugal.

Quase mil anos depois, o românico volta a ser determinante no Norte de Portugal. Se nos finais do século XI revolucionou a arquitetura e o modo de vida, no início do XXI está a ser o eixo aglutinador de uma estratégia de desenvolvimento de toda uma região.

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES E FOTO DE ARTUR MACHADO

A arquitetura românica surge em Portugal nos finais do século XI, no âmbito do processo da Reconquista e da reorganização do território e, ainda, no quadro de um fenómeno mais vasto de europeização da cultura peninsular. “Foi o fator religioso, mais do que qualquer outro, que contribuiu para a europeização e difusão dos elementos que permitem definir o conceito de românico”, explica Lúcia Rosas, professora catedrática do departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O estilo românico será influenciado pelos costumes de cada região. “À medida que se expande, o românico português regionaliza-se, miscigenando-se com soluções construtivas e técnicas locais pré-existentes, criando uma variedade de soluções muito própria e muito regionalizada”, afirma a docente.

Um dos aspetos mais evidentes é a rede densa de igrejas paroquiais e mosteiros do Baixo-Tâmega que “adotam os padrões construtivos da época românica durante toda a Idade Média, acusando o dinamismo e a importância desta zona no processo da reorganização e da senhoriação do território”. Esta mancha tem características próprias e também revela semelhanças com a arquitetura românica da bacia do Sousa: “Escultura vegetalista, muito bem desenhada e plana, na qual se utilizou a técnica do bisel. Contu-

do, no Baixo-Tâmega os temas animalistas são muito comuns e de acentuado sabor regional.”

Lúcia Rosas enfatiza que, mais do que os monumentos isolados, o que confere valor a este românico é o seu conjunto e o seu contexto físico. “É preciso ver as igrejas, torres, pontes, vias e memoriais no seu lugar para entender a espessura e a densidade histórica desta região. A arquitetura românica portuguesa, mais do que em qualquer outra região europeia, tem de ser apreciada ‘in situ’. Só assim ela é verdadeiramente compreensível e rica de ensinamentos. Inserida na paisagem, a arquitetura que integra a Rota do Românico tem valores muito próprios. De pequena escala e apresentando soluções relativamente simples, o românico desta região apresenta saberes tão particulares que, só por si, convidam à fruição do território.”

Agarrem o Românico!

Foi precisamente por o românico ser tão particular nesta região que, em 1997, Luís Braga da Cruz, na altura presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), lançou um desafio aos municípios do Vale do Sousa que procuravam um projeto estruturante para o médio e longo prazo. “Porque é que não agarram no românico?”, questionou.

Os autarcas da Valsousa gostaram e, no ano seguinte, iniciaram o inventário dos

elementos patrimoniais românicos, desde já acautelando que os dois eixos prioritários do próximo Quadro Comunitário de Apoio (2001) seriam o ordenamento das zonas de acolhimento industrial e a Rota do Românico. “O plano de ação confirmou que a aposta fazia sentido desde que cumpridas algumas premissas: conservar e salvaguardar o património, garantir que a Rota fosse integrada como um todo e uma boa política de comunicação”, recorda Rosário Machado, atual diretora da Rota do Românico. “Na altura, o Vale do Sousa tinha uma imagem muito negativa. Precisava de algo positivo e muito forte para mexer com o orgulho das pessoas e para projetar no exterior que este era um território que tinha atração turística pelo património”.

Para solidificar o projeto criou-se uma rede de entidades públicas e privadas, mesmo que em muitos casos informal. E só dez anos depois, em 2008, é que a Rota foi anunciada publicamente. “Estivemos 10 anos a montá-la, a fazer obra e a criar uma marca”, diz Rosário Machado. “A 18 de abril de 2008 dissemos: existimos e temos uma rota pronta, podem vir ver-nos!” A diretora enfatiza o mérito dos seis autarcas iniciais que “investiram na rede e não tiraram louros políticos nenhuns disso. Acreditaram que teria de ser assim e mantiveram a discrição durante dois mandatos e meio. É um exemplo raro de associativismo municipal e um bom exemplo de política regional”.

“ROTA PRECISA DE PARCEIROS QUE LHE DÊEM DIMENSÃO”

Inácio Ribeiro

Inácio Ribeiro escolheu ser fotografado junto à Igreja do Salvador de Unhão

A Valsousa passou por momentos difíceis, mas hoje tem na Rota do Românico um projeto que congrega muitas vontades políticas.

Durante dez anos, fez-se trabalho de laboratório. Em 2008, o projeto foi exteriorizado com 21 monumentos do românico do Vale do Sousa. Em 2010, já integrado na Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa (CIM-TS) executou-se o processo de expansão do românico aos municípios do Baixo Tâmega e Douro Sul e juntaram-se mais 37 monumentos. Hoje estamos próximos de 60 monumentos.

As pessoas têm a percepção da importância de tudo isto?

Se me disser que estou satisfeito com a percepção pública da Rota, direi que ainda falta muito. Mas, quando nasceu a Valsousa, essa percepção era menor. Estes monumentos são locais de sentimentos altos e profundos, que nos tocam o corpo e a alma. Portanto, a percepção das pessoas na região tem vindo a ser cada vez maior e, para isso, tem concorrido não só a recuperação de vários imóveis, que em muitos casos é a resposta aos anseios das populações, mas aquilo que eles representam. Este património levou a uma nova consciência: há aqui uma identidade forte e um projeto que promove a salvaguarda e

a visibilidade da região.

Há também um lado imaterial da Rota...

Há um conjunto de iniciativas promocionais à volta dos monumentos recuperados. Entre novembro de 2013 e novembro de 2014, teremos cerca de 240 espetáculos denominados “Palcos do Românico” em todos os 12 municípios. Isso envolve mais de 50 coletividades e instituições nas diversas áreas das artes, desde o teatro à música. Temos quase 60 espaços a promover a Rota.. Direi que as pessoas estão mais bem informadas.

São 25 anos de associativismo municipal no Vale do Sousa.

Na Valsousa temos esse percurso bem consolidado, do qual nos orgulhamos muito, porque para tudo se quer alma, cultura, singularidade e caráter. E a Associação de Municípios do Vale do Sousa tem esse espírito

Mas a Valsousa já se tornou pequena para a dimensão do projeto.

Naturalmente. O alargamento coloca-se sempre em cima da mesa, e mais a mais, no início de um Quadro Comunitário novo. Nos tempos que correm, somos obrigados a ser imaginativos quanto à promoção de Portugal, dos nossos valores e do caráter exportador de bens e serviços

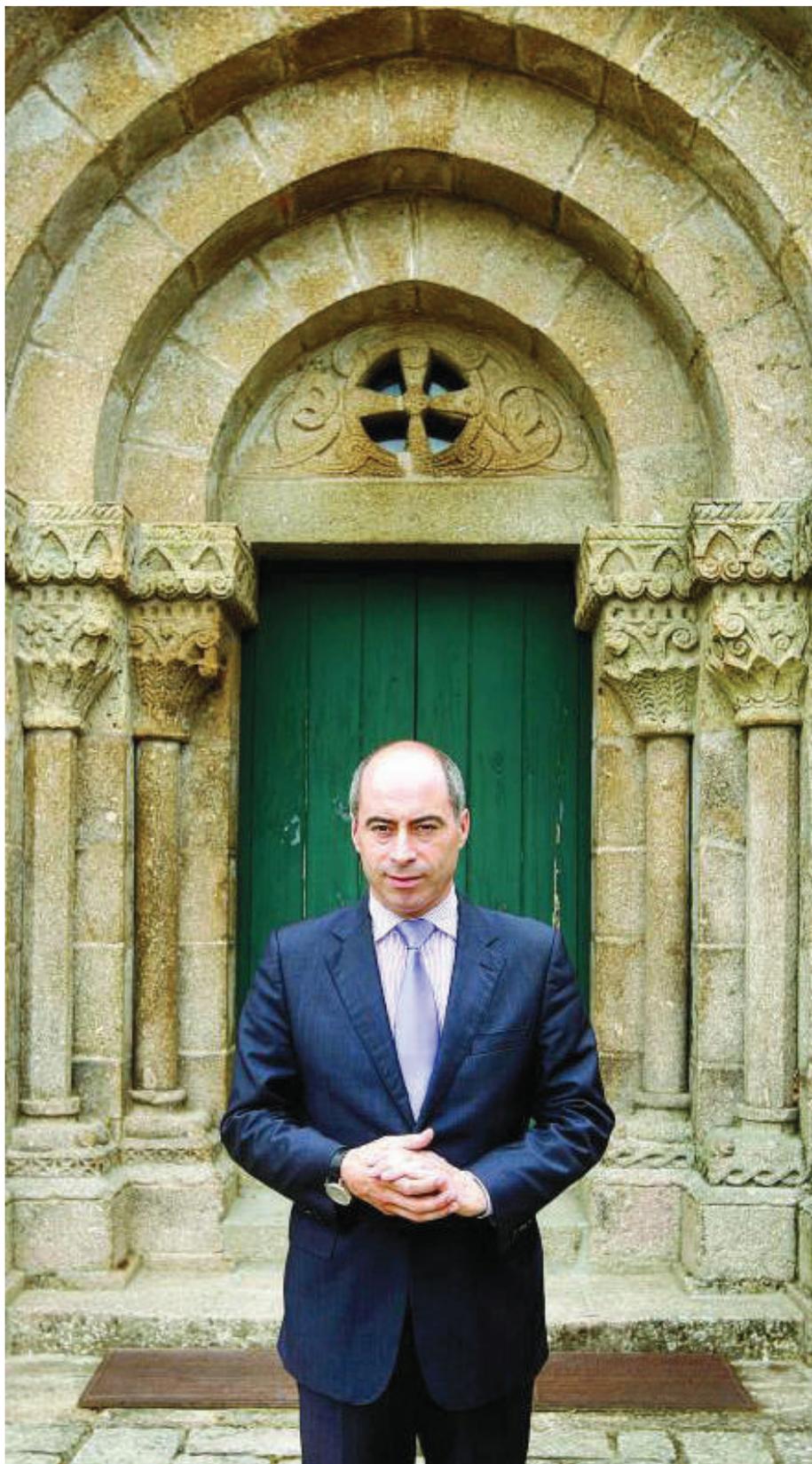


Os frutos da resiliência

A Valsousa foi das primeiras associações de municípios do país, agregando seis concelhos: Penafiel, Paços de Ferreira, Paredes, Lousada, Felgueiras e Castelo de Paiva. Com 427 Km², 144 freguesias e cerca de 330 mil habitantes, em 18 de abril de 2008 apresentou publicamente a Rota do Românico do Vale do Sousa. Inácio Ribeiro, presidente da Valsousa, assume que a Rota vingou graças à resiliência dos autarcas e transformou-se na mais importante alavanca de desenvolvimento regional. Mas, o também presidente da Câmara de Felgueiras, afirma que este projeto supramunicipal precisa de maior robustez e de parceiros que lhe confirmam “dimensão, profundidade e autonomia”.

A Associação de Municípios do Vale do Sousa está a comemorar 25 anos. Presidente desta entidade aglutinadora de seis concelhos, responsável pela implementação da Rota do Românico, Inácio Ribeiro, autarca de Felgueiras, preconiza que é chegada a hora de se deixar cair fronteiras regionais, porque a marca do Românico já ultrapassou o território.

***Entrevista** TEXTO DE JOSÉ VINHA E FOTO DE ARTUR MACHADO



transacionáveis, ou não. Hoje, as comunidades intermunicipais, municípios e outras entidades fazem planos estratégicos para os próximos dez, 12 e 15 anos.

Mais uma razão para um novo planeamento...

A Rota do Românico precisa de maior robustez e de parceiros que lhe confirmem dimensão, profundidade e autonomia para ser bem promovida e nos locais certos.

Mas sem que os Municípios percam capacidade de decisão...

Os municípios têm sempre a sua própria componente promocional, mas há agentes privados, sobretudo ligados ao turismo, que serão seguramente elementos relevantes. Estamos a ponderar se devem ser parceiros deste projeto, porque, sendo operadores turísticos, são os primeiros interessados em captar turistas para visitar a Rota. Se o Românico for a estrela que apele e que guie, ótimo!

Até para se suportar o investimento já feito.

Investimos muitos milhões na recuperação dos imóveis, nos acessos aos imóveis e na proteção, porque nestes espaços criaram-se “zeps” (zonas especiais de proteção) para garantir os elementos de ruralidade, a arquitetura, a integração e a harmonia na mobilidade de pessoas. Temos necessidade de parceiros que amanhã nos ajudem a promover estes imóveis, porque o investimento maior será feito na conservação.

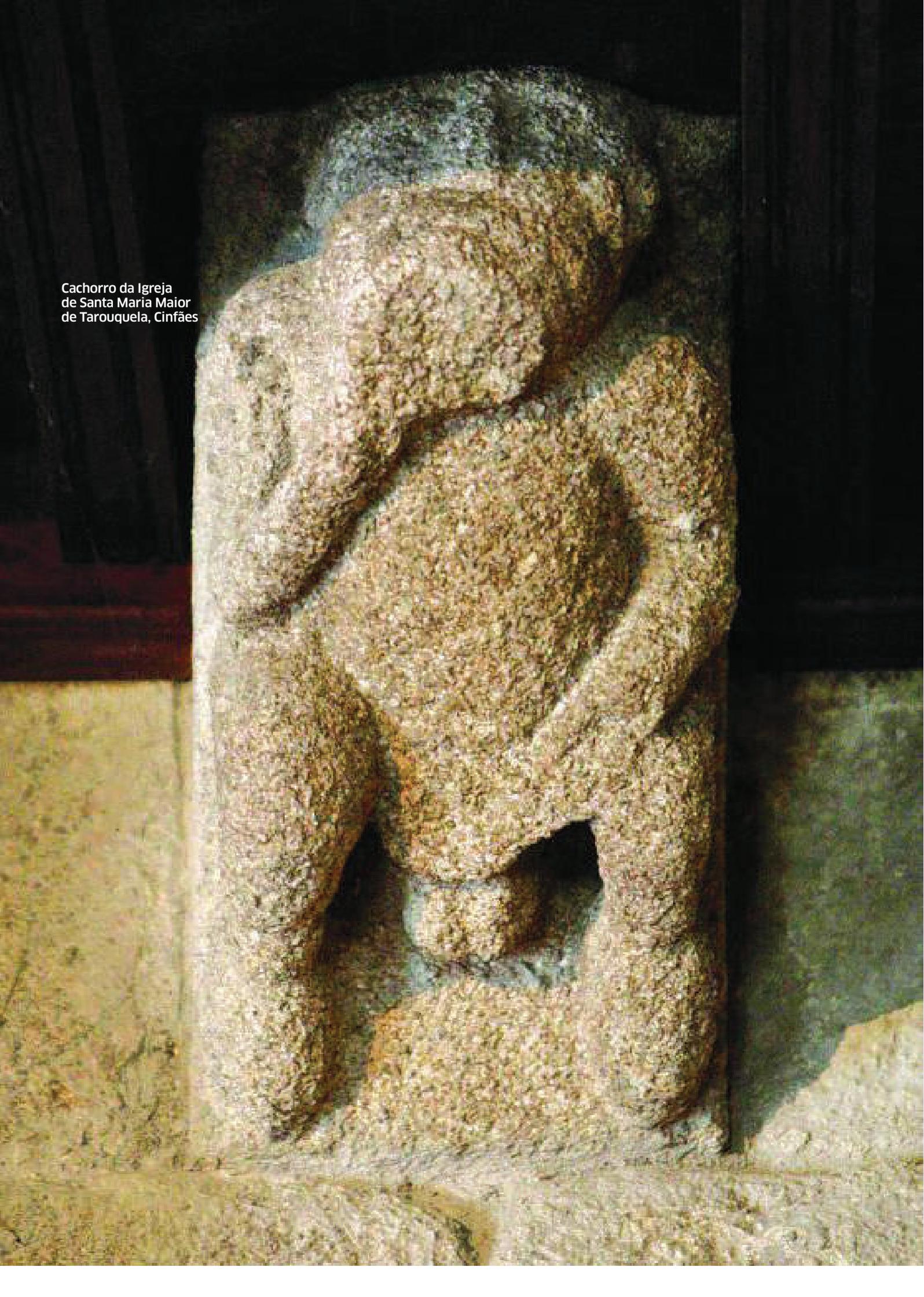
Ou seja, a Rota já não se confina a este espaço regional.

A Rota já ultrapassou a região! Os prémios que recebeu mostram que o seu valor vai além-fronteiras. A criatura superou o criador e tem condições para crescer ainda mais. Será um processo lento e cuidado, porque a nossa identidade cultural é fortíssima, temos de a valorizar e não dispersar o seu valor.

A Rota do Românico começa a precisar de um novo modelo de gestão?

É altura de pensar em definir o órgão gestor e a forma, mas terá de ser uma entidade gestora competente, que saiba ler toda a dimensão da Rota do Românico. O desafio é permanente.

Cachorro da Igreja
de Santa Maria Maior
de Tarouquela, Cinfães



***Reportagem**

São lugares de excelência! Enquanto os forasteiros portugueses assombram-se com a dimensão histórica do património implantado no território onde nasceu Portugal, os estrangeiros deslumbram-se com a dimensão temporal de um país milenar, feito de paisagens rurais de beleza invulgar, com monumentos simples, indiferentes à passagem do tempo. Fomos ver a Rota com as lentes deles...

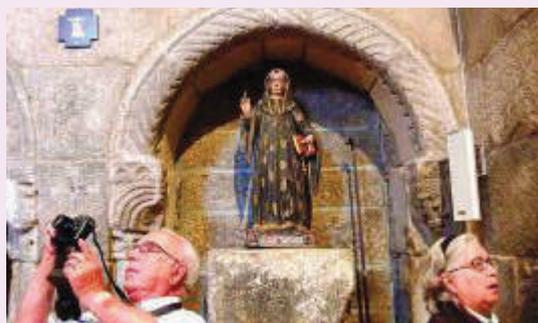
A Rota vista pelos olhos dos que a não conhecem

*Reportagem



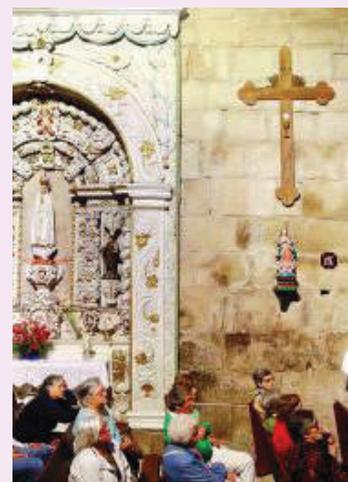
O explicador

José Augusto Costa, técnico da Rota do Românico, explica preciosidades da Capela do Senhor do Bom Despacho, em Ancede, Baião



Preciosidades

Fazer a rota da Rota tem esta vantagem: há preciosidades em todos os monumentos que se visitam



TEXTO DE JOSÉ VINHA E FOTOS DE LEONEL CASTRO E RUI MANUEL FERREIRA

Chega à Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela, em Cinfães, um grupo sénior vindo do sul para conhecer esta relíquia de meados do século XII, associada à casa monástica de Ramiro Gonçalves e sua esposa, D. Ouruana Nunes, adquirida a Egas Moniz, o aio do primeiro Rei de Portugal. Sai do autocarro um batalhão de pequenas câmaras fotográficas que disparam, todas, na direção da Igreja. À porta já está José Augusto Costa, técnico da Rota do Românico. São cinquenta turistas, oriundos de Lisboa, Ribatejo, Alentejo, Nazaré... José Augusto pede atenção, procura juntar o grupo à sua frente para iniciar a visita guiada ao templo e às histórias e lendas, quase todas desconhecidas, que por ali pululam.

Alexandra Claro, guia turística, revela que, das cinquenta pessoas, “quarenta são completamente apaixonadas pelo património e absorvem tudo o que lhe for explicado e mostrado”. Manuel Marques, reformado, 80 anos, distingue-se dos demais, porque se mantém sereno. O antigo bancário contempla o monumento. Especado, debaixo dos “Cães de Tarouquela”, esculpidos a granito sobre o portal do templo, observa o detalhe da decoração e espera que José Augusto explique aquilo que nem sempre o espírito entende.

“Não consigo decifrar a mensagem destes cães a ferrar um homem, nem destes desenhos tão difíceis de esculpir no granito”, desabafa. O grupo junta-se, enquanto o antigo bancário faz um esforço para decifrar os sinais. O técnico da Rota

do Românico avisa: “Vejam tudo com olhos de ver, porque a maioria das pessoas não sabe ver património.”

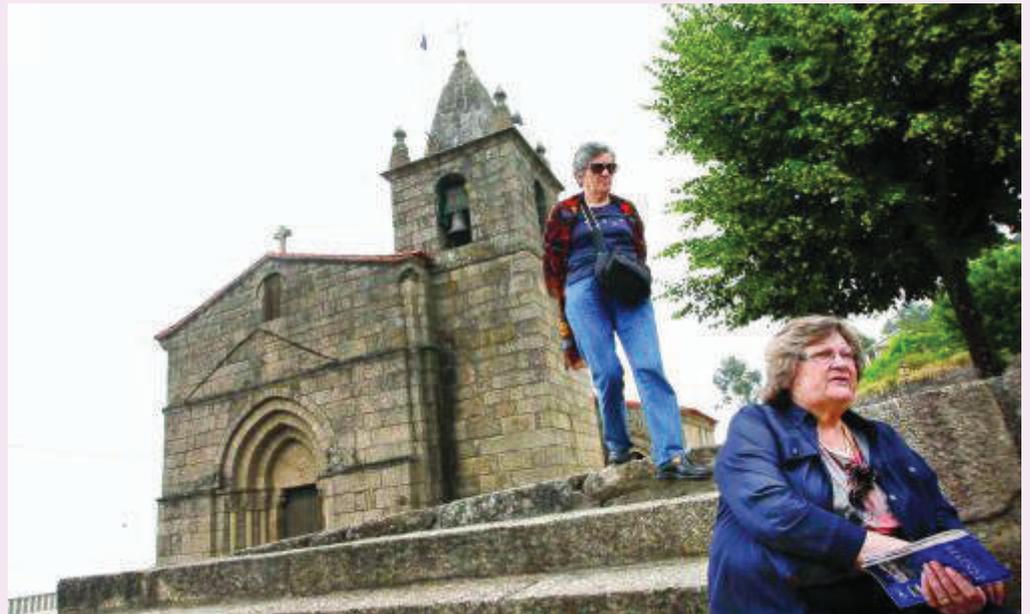
Manuel Marques, que parecia estranhar a frieza do granito da Igreja de Tarouquela, diz-se apaixonado pela “história muito rica” dos templos medievais. Presta atenção ao técnico que começa por explicar ao grupo que o portal ocidental, bem decorado, “é uma entrada para outra dimensão”. Os capitéis, um acrobata esculpido no granito, exigem, volta a avisar o técnico, “olhos de ver”.

Maria Júlia Pedroso, 76 anos, residente em Póvoa de Santo Adrião, mete conversa: “Já fiz imensas viagens por este Portugal fora, mas nunca vi uma coisa tão bela como aqui”. O que lhe fica na retina? “Esta igreja é muito rica e não é vulgar en-



Alma cheia

Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela, em Cinfães, enche a alma de quem a visita



contrarmos um templo tão bem estimado, com tanta história e com tanta idade”.

Finda a visita, o grupo zarpa para Baião. Ali chegados, os forasteiros voltam aos mil disparos fotográficos, encantados com a Igreja dedicada ao apóstolo Santo André, edificada numa encosta virado ao Douro. Terá sido por estas terras que os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho dirigiram um importante trabalho de humanização. Os monges desde cedo souberam tirar partido da exploração dos recursos naturais do vale do Douro: criaram um importante entreposto comercial baseado na produção e exportação de vinho e na administração das rendas que lhes eram devidas pela posse de um considerável conjunto de propriedades a norte e sul do Douro.

Jorge Pinto é promotor de visitas cultu-

rais. Embora já tenha visitado a Rota do Românico várias vezes, enaltece a beleza da rosácea românica que se conserva na parede fundeira da capela-mor da Igreja, o elemento mais significativo do Românico. Ao fim de meia hora de conversa elege, como ex-libris da visita, a Capela do Senhor do Bom Despacho, levantada no vasto adro da Igreja de Ancede. É um templo pequeno, edificado em 1731, que dá expressão a um programa artístico barroco algo extravagante com cenas da vida de Maria, da Infância de Cristo e da Paixão de Cristo. Como ele, quase todos se maravilham com o interior da capela, escassa para tanta gente. “Já conhecia este espaço e conheço bem a região. Para além do património valioso, a Rota tem uma coisa que raramente se encontra: a qualidade dos orientadores das visitas”.

O sol, a serenidade bucólica das águas e a luminosidade da paisagem duriense são elementos que apelam ao retrato. Não admira que um forasteiro, chegado ao Douro, se deslumbre.

Em Resende, o Mosteiro onde Egas Moniz levou o infante Afonso Henriques a curar-se, por intercessão divina, apela à imaginação do turista e desafia-o a entrar numa outra dimensão temporal. Como aconteceu com 30 australianos, fãs dos cruzeiros de rio. Edificado na encosta norte do maciço da serra de Montemuro, o Mosteiro de Santa Maria de Cárquere surpreende. À sua frente ergue-se, sóbria, a torre medieval do Mosteiro, símbolo de uma estrutura de natureza defensiva e senhorial do último quartel do século XII.

Carla Moreira, técnica da Rota, convida

*Reportagem



Emblemático

Entrada do Mosteiro de Santa Maria de Cárquere, um dos monumentos mais emblemáticos da Rota

a entrar na igreja do Mosteiro e vai chamando a atenção dos turistas para a beleza invulgar do interior. Da época manuelina destaca-se o portal principal e o lateral norte. As pinturas murais preservadas contêm uma representação de Santo António e Santa Luzia e, no lado oposto, um conjunto de anjos esvoaçantes. De repente, um bruaá! “Oh, Jesus! Beautiful”. Carla acabara de pedir ajuda a um dos turistas para deslocar um dos retábulos mostrando os frescos seculares do templo.

A austríaca Marion sublinha o facto de todo o edificado estar bem conservado: “Existe aqui um charme muito natural, não inventado”. “A conservação é o que mais me fascina. Nunca ouvi falar da Rota do Românico, é novo para mim, mas o primeiro impacto é impressionante” afirma Bev Cox, de Melbourne, Austrália.

“Vimos da Austrália, onde os povos indígenas estão lá há 40 mil anos. Face à Europa, é ainda um país relativamente jovem. Então, aqui em Portugal, vemos coisas fantásticas: vocês têm toda a história antiga que nós não temos e eu não conhecia. Estou maravilhado”, afirma John Cox, de Melbourne.

Graham, australiano bonacheirão, isola-se do grupo, concentrado nos detalhes da construção do templo. Confessa-se “muito admirado” com a beleza do edificado. “Este templo diz o que o povo antigo viveu e no que os homens dessa época acreditavam. A simplicidade é fantástica”, conclui o australiano, que, já depois de apertar a mão e se despedir para entrar no autocarro, recua uns passos. Susurra-nos ao ouvido: “Vocês têm um excelente vinho”. Thank you and, please, come back!

Recordações

Foram as histórias de infância que puxaram Maria Elsa Melo para o Douro. A Rota deixou-a de boca aberta



A FAMÍLIA MELO DE CORAÇÃO CHEIO

À porta do Mosteiro de Santa Maria de Cárquere, mãe e duas filhas aguardam a chegada do técnico da Rota do Românico, para visitarem esta joia da coroa portuguesa. A progenitora, Maria Elsa Melo, 86 anos, explica que deixaram Lisboa por uns dias e decidiram regressar ao Douro. Lamego recorda-lhes histórias de infância. A filha mais velha, Adriana Melo, de 63 anos, explica que o Douro tem um fascínio especial, opinião corroborada pela irmã Paula de 55 anos. “Nesta região, os monumentos conservam ainda uma identidade própria e estão muito bem conservados”, frisa Paula Melo.

As três mulheres visitaram o Mosteiro na mesma altura em que ali chegou o grupo de turistas australiano; e ainda pensaram ter de integrar a visita no grupo, em inglês. Mas não. A Rota disponibilizou-lhes o Joaquim, um dos técnicos que ali se deslocou, após marcação prévia, para acompanhar a família Melo. Dias antes, a família marcara a visita e garante que “há informação para quem quiser estar informado”. “O Douro está na moda. As pessoas vão acompanhando, há oferta hoteleira para vários preços e a oferta cultural está cada vez mais favorecida”, assegura Paula Melo.

Dedicação

Sem a dedicação de gente como José e Maria seria mais difícil manter viva a Rota do Românico



ELE E ELA SÃO OS GUARDIÕES DO TEMPLO

José Joaquim Pereira e a mulher, Maria de Lurdes, vivem há 22 anos na quinta do Mosteiro de Cárquere, em Resende. São os guardiões do templo a quem está confiada a tarefa de abrir as portas aos turistas, de os acompanhar e de manter impecável o espaço de culto. “O povo encontra aqui paz de alma para ficar tranquilo da vida”. Maria de Lurdes fala pausadamente, apesar da acentuação típica das gentes de Resende. O lugar onde se encontram é belo. Maria de Lurdes e Joaquim sabem disso e sentem que o forasteiro fica encantado, quando ali chega. “As pessoas de fora chegam

cá acima e olham para a torre, mas a torre não diz o que está dentro da igreja. Então, quando abrimos a porta, as pessoas ficam pasmadas”, conta Joaquim. “Sentam-se nos bancos e ficam por ali, por instantes... sentem-se bem”, diz a mulher. “A gente abre-lhes as portas e quando os turistas saem da igreja, a gente vai ver se está tudo no sítio. Estamos sempre muito atentos”, explica o homem a quem a chave do Mosteiro de Cárquere está confiada há duas décadas. Desafiado a sublinhar a diferença entre estrangeiros e portugueses, o guardião de Cárquere atira: “a diferença só está na fala!”

*Reportagem



01

Lisboa
MANUEL MARQUES
 “Esta igreja de Tarouquela é invulgar, a estima que tem tido ao longo dos anos maravilha-me. Com tantos anos, este templo ligado à fundação da nossa nacionalidade está muito bem conservada. Marcou-me bastante. Mal do português que não conhece a sua casa. Há quem conheça Inglaterra, França, o Algarve... e ignora o Norte, este território onde nasceu Portugal, cheio de coisas boas”.

02

Póvoa de Santo Adrião
MARIA JÚLIA PEDROSO
 “Tenho feito muitas viagens, mas para esta zona foi a primeira vez. Estou maravilhada. Eu tenho gostado de tudo, tem sido uma descoberta muito grande porque tenho encontrado coisas que não esperava encontrar. Há sempre um Portugal a descobrir e qualquer coisa boa para saborear. Estou encantada com este património e com esta arquitetura”.

03

Lisboa
JORGE PINTO
 “Já vim cá muitas vezes. Valorizo uma coisa que não se encontra muito em Portugal: a qualidade dos orientadores! A maioria dos técnicos tem formação em História: é um dos aspetos que eu valorizo. Conheço vários países na Europa e não vejo lá mais do que aqui. O que nos falta em Portugal é promover melhor estas rotas, embora a do Românico seja uma das mais bem estruturadas e divulgadas”.

04

Austrália
GRAHAM FOTHERINGHAM
 “Impressionante! Este património diz como os antepassados viveram e naquilo que eles acreditavam. A simplicidade de tudo isto é fantástica! É muito importante termos este contacto com a personalidade de cada terra, de cada país. Estou muito feliz. E vocês têm um excelente vinho”.

05

Áustria
MARION JUHNKE
 “As pessoas acham o Porto e o Douro muito especial: esta beleza é surpreendente! Há tesouros como este Mosteiro de Cárquere, por exemplo, ou até o pequeno museu em Resende. O que mais os atrai é a natureza, especialmente o vale, as vistas, as vinhas, as quintas e a beleza. E o mais importante é que o património do Românico não foi estragado com o impacto humano, o que é muito importante”.

06

Austrália
BEV COX
 “É bastante diferente do que temos visto ao longo do cruzeiro porque, provavelmente, está aberto ao turismo recentemente, mas é um monumento muito bonito. É um património diferente de onde vimos, mas tenho estado a apreciá-lo bastante. A condição pristina, não estragada, é o que mais me fascina! Nunca ouvi falar desta Rota, é novo para mim, mas o primeiro impacto é impressionante!”

*Opinião

ORGULHO NA PÁTRIA LOCAL

Estávamos em 1998 e a CCDR-N envolvida com os trabalhos preparatórios do PROSOUSA (Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Sousa). Após dez anos de política de convergência, o Norte de Portugal ainda estava muito abaixo da média nacional, em termos de indicadores de desenvolvimento. Mais preocupante era o facto de, entre as suas sub-regiões, aquela que incluía o Vale do Sousa ser a que pior situação absoluta revelava - o seu PIB per capita estava nos 50% da média nacional.



TEXTO DE LUÍS BRAGA DA CRUZ (PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES)

A razão de uma intervenção integrada no Vale do Sousa resultou do seguinte paradoxo. Como se explica que o Vale do Sousa com o seu dinamismo demográfico, o seu peso na produção industrial portuguesa, a sua reconhecida relevância social no Norte Litoral, estivesse também tristemente associado aos mais penosos indicadores educativos e sociais: insucesso e abandono escolar, trabalho infantil, etc.?

Sem querer entrar hoje nas razões para esta situação, assunto que na altura foi muito debatido e envolveu reflexão por parte dos responsáveis locais e regionais, importa dizer o que foi assumido fazer e porquê. Em termos de desenvolvimento, foi entendido que os seis municípios do Vale do Sousa muito ganhariam se reforçassem a sua identidade e melhorassem a coesão dentro do seu território comum. Foi assim que, entre as muitas ideias, se consolidou e pôs em marcha o projeto da Rota do Românico do Vale do Sousa.

A Rota do Românico é uma rota temática, isto é, um percurso turístico que inclui pontos de interesse histórico, cultural ou paisagístico. Mas é também consi-

derado pelas organizações do sector um produto, que pode ser colocado no mercado e comercializado. Por isso lhe é reconhecido interesse económico, reclamando uma abordagem profissional e responsável para ter sucesso. Uma rota temática tem uma dupla exigência: organização por parte dos promotores e compromisso por parte dos detentores de elementos com valor patrimonial a integrar a proposta.

No caso da Rota do Românico ainda se esperavam colher outras vantagens. Uma de natureza material, como a captação de investimento ou a ampliação das receitas do turismo local, outras de carácter mais intangível, como a qualificação da imagem da região como um destino turístico diferente. São inegáveis as vantagens diretas que se colhem com a preservação de um património especial, que remete para o período da consolidação da nacionalidade portuguesa. Se o património românico é abundante no Vale do Sousa tal significa que esta parcela do território nacional foi decisiva, nesses momentos fundadores da identidade nacional.

Nos últimos 15 anos foi feito muito tra-

balho. Foi necessário convocar os estúdios para melhorar o conhecimento e a história de cada local. Foram feitas publicações que divulgaram esses estudos. Definiram-se e promoveram-se as intervenções de recuperação e restauro, com a implicação das autoridades locais. A preocupação de fazer bem e com qualidade não se limitou aos monumentos propriamente ditos, porque também incluiu a qualificação paisagística dos locais em que estavam enquadrados. Foram preparados materiais promocionais.

Qual o resultado que merece maior destaque neste belo projeto?

Para além de ter preservado e de ter dado visibilidade a sítios, mosteiros, igrejas, castelos, pontes, caminhos e memoriais erguidos entre os séculos XI e XIV, a Rota do Românico contribuiu para o reforço da relação de identidade das populações com o seu território, exaltando os seus valores culturais. Pode ainda dizer-se com justiça que os municípios do Vale do Sousa ganharam coesão territorial e que os seus habitantes reforçaram a sua auto-estima, tendo hoje mais orgulho na sua pátria local.

***Uma equipa de 15**

OS FAZEDORES DA ROTA

FILA DE CIMA (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) **Paula Marques** Administrativa **José Augusto** Centros de Informação e Serviço Educativo **Vitor Marinho** Conservação e Salvaguarda **Carla Moreira** Centros de Informação e Serviço Educativo **Duarte Pinheiro** Turismo
 FILA DE BAIXO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) **Cláudia Costa** Planeamento e Comunicação **Susana Alves** Planeamento e Comunicação
Joaquim Costa Centros de Informação e Serviço Educativo **Ricardo Magalhães** Conservação e Salvaguarda **Rosário Machado** Diretora
Adelaide João Administrativa **António Coelho** Planeamento e Comunicação **Nelson Antunes** Conservação e Salvaguarda
FALTAM Ester Silva (Cultura) e Elsa Silva (Centros Informação e Serviço Educativo), em férias.

Fotografados junto ao Mosteiro de São Pedro de Ferreira, em Ferreira, Paços de Ferreira



NO BOM CAMINHO

A nossa invejável riqueza patrimonial é um facto. As suas potencialidades também. Razões que constituem legítimo motivo de gozo e de correspondente responsabilidade. Temos, pois, à nossa frente um panorama indefinidamente apelativo à imaginação criativa e à cooperação efetiva.



TEXTO DE D. PIO ALVES (PRESIDENTE DA COMISSÃO EPISCOPAL DA CULTURA, BENS CULTURAIS E COMUNICAÇÕES SOCIAIS)

A Rota do Românico, na sua denominação e no seu projeto, sinaliza um segmento específico: na sua identidade, no seu tratamento, na sua utilização/fruição. E, como projeto e como concretização, configura uma resposta feliz.

O compêndio que a caracteriza, se cedesse à tentação de funcionar como ilha, contribuiria para uma visão empobrecida, porque seccionada, da nossa riqueza cultural. Pelo contrário, autónoma mas integrada, aprofunda o seu mundo identitário e potencia sinergias.

Sem entrar em discussões para as que me falta informação, apenas em tese, suspeito que por aqui ande o segredo do êxito: atual e futuro. Uma autonomia que não isole; uma integração que não disperse e desvirtue. Uma e outra são tentações feitas pecado noutros mundos do nosso planeta!

Não somos tantos nem temos tantos recursos que possamos dar-nos ao luxo de vivermos lado a lado, mas de costas voltadas, repetindo as mesmas iniciativas ou fazendo o contrário, apenas para parecer que somos diferentes. Interessa, por isso, continuar a cultivar uma legítima e sã autonomia e uma responsável integração.

Quanto fica dito vale para o que entenderem ser, para bem de todos, as relações das diferentes instâncias estatais ou paraestatais que intervêm na conservação, restauro e fruição do património imóvel, móvel e integrado, nomeadamente no Românico.

A relação com a Igreja, por sua vez, não tem por que pressupor alterações básicas deste código de comportamentos. Basta que todos saibamos ler o património na sua gênese, na sua história e na atualidade.

Importa, por exemplo, ter consciência

que o serviço religioso também é serviço cultural; que, para que a função cultural seja cumprida, não é necessário introduzir, no espaço geneticamente religioso, uma qualquer representação que lhe seja alheia. Dito de outra forma: a introdução no espaço geneticamente religioso de uma qualquer representação que lhe seja alheia não dignifica o património, não é um bom serviço à cultura. Contudo, sem ir mais longe: não estou a dizer que nas igrejas só se podem celebrar missas!

Os contornos e limites destes conceitos – património, culto, cultura, religioso – não são matemáticos. Nisto, como em quase todas as coisas, acertam-se as agulhas conversando: de boa fé, com suficiente conhecimento, sem preconceitos, sem dogmatismos. Como, felizmente, tem vindo a acontecer de um modo habitual. Mesmo não sendo um trajeto fácil, penso que estamos no bom caminho.

Gonçalo Rocha

Presidente da Câmara de Castelo de Paiva fotografado junto ao Marmoiral de Sobrado



Contra o alargamento

Após as eleições autárquicas, Gonçalo Rocha foi eleito presidente do Conselho Intermunicipal, órgão de direção da CIM-TS, constituído pelos presidentes de câmara de 11 municípios. Acumula a função com a de presidente da Câmara de Castelo de Paiva. Desde sempre olhou para a Rota do Românico como “oportunidade de desenvolvimento e de negócio” e atualmente o concelho que dirige absorve um investimento de meio milhão de euros: a requalificação do Marmoiral de Sobrado e da zona envolvente.

Gonçalo acredita que a entrada de agentes privados no projeto do românico é uma boa solução para assegurar a sustentabilidade a médio e longo prazo, mas preconiza que o papel determinante esteja nas mãos das autarquias.

Numa altura em que há outras autarquias interessadas em aderir, o autarca discorda, por recear a perda de identidade regional.

Os municípios foram fundamentais para a criação da Rota do Românico e sem eles não haveria projeto, afirma Gonçalo Rocha, presidente da Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa (CIM-TS) e da Câmara de Castelo de Paiva. Recetivo a alargar o projeto a investidores privados, mas cético ao alargamento territorial, alerta que as autarquias devem continuar a ser as principais reguladoras para impedir que se perca a qualidade um projeto de excelência.

***Entrevista** TEXTO DE JOSÉ VINHA E FOTO DE ARTUR MACHADO

“ROTA É O ÚNICO PROJETO QUE CONSEGUE COSER TODA A REGIÃO”

As autarquias consideram a Rota do Românico uma excelente alavanca para o desenvolvimento.

A Rota do Românico é o único projeto que consegue coser toda esta região. Permitiu-nos requalificar, reabilitar e salvar um conjunto de património emblemático e único do nosso país.

E reconhecido nacional e internacionalmente...

Conseguimos atrair um conjunto muito vasto de turistas à nossa região, porque a Rota é sobejamente conhecida. É um dos projetos mais emblemáticos da nossa região e um elemento muito importante do ponto de vista económico.

No caso do seu concelho, está em curso a requalificação do Marmoiral de Sobrado...

Está a ser investido cerca de meio milhão de euros na salvaguarda de um monumento funerário e zona envolvente.

Poderemos dizer que a Rota é um produto municipal?

No arranque, os municípios foram fundamentais. Sem eles não haveria a Rota do Românico. Foram eles (e têm sido eles) os dinamizadores desta iniciativa. As autarquias são os financiadores da componente nacional (que não é financiada pelos fundos comunitários). Têm sido as Câmaras a assegurar esse financiamento.

Mas hoje já se pensa numa entidade gestora à escala regional...

É chegado o momento de fazer essa reflexão, até porque vamos ter um novo Quadro Comunitário de Apoio. Estamos de momento a refletir sobre a sustentabilidade do projeto e estamos a analisar a possibilidade de outros agentes económi-

cos e outras instituições virem a integrar a Rota do Românico. Não vejo problema nenhum, acho isso até muito positivo.

A entrada de privados não condiciona o espírito da Rota do Românico?

Não tenho problemas em aceitar na Rota parceiros dispostos a participar no financiamento e na sua sustentabilidade.

A maioria deve estar nas mãos dos autarca?

Os Municípios devem manter sempre a maioria e não podem, nem devem, perder esse elemento de decidir o melhor para a Rota e para a região. Até para o projeto não perder a sua vertente mais importante: o interesse público.

E a qualidade...

A qualidade intrínseca a este projeto, desde o restauro do património à sua dinamização, em momento algum pode ser prejudicada por uma qualquer componente comercial ou empresarial. Os operadores privados procuram sempre o lucro, o que é legítimo, mas as autarquias têm de assumir um papel moderador e regulador na Rota do Românico.

Defende uma parceria entre o público e o privado?

No meu ponto de vista, podem entrar no projeto outras entidades, mesmo privadas, que participem em termos de financiamento, até porque não vai haver sempre financiamento comunitário para um projeto com esta dimensão. Qualquer dia poderemos vir a ter muitas dificuldades para assumir este projeto em toda a sua plenitude.

Há outras autarquias interessadas em aderir à Rota. Isso permite alargar o território.

Sei que tem havido abordagens para alargarmos a Rota, mas em minha opinião não devemos alargar a área que temos hoje.

Não seria bom o alargamento por uma questão de escala?

Se queremos ter um cunho da própria região, não devemos alargar demasiado, porque perdermos a referência. Se é um projeto de referência da nossa região, devemos evitar que ela se perca com um alargamento em demasia. A Rota já tem amplitude e escala que permite a sua sustentabilidade.

Como projeto político, a Rota do Românico une este espaço regional?

Sim, claro. Se a Rota é um elemento que cose a região, está projetada de forma integradora e articula os municípios, ao alargá-la poderemos correr o risco de perder a identidade da região. Não tenho dúvidas que a Rota do Românico é um projeto político que une a região e está na escala necessária para ter financiamento. A CIM está dimensionada para obter fundos comunitários.

Mas este projeto requer esforço financeiro dos municípios e nem todos têm estofos...

Os municípios fazem um esforço financeiro muito elevado para sustentar a Rota. Castelo de Paiva só tem um monumento e paga um valor de cotas muito significativo. A cota base é a mesma para todos os municípios e, depois, cada um paga, proporcionalmente, por cada intervenção que se faça no seu território. Note que cada autarquia está a assumir a componente nacional da conservação e restauro do património da Rota do Românico.

***Apoio ao turista**

Para que nada passe ao lado

O primeiro passo da estratégia definida pelos responsáveis da Rota do Românico para assegurar que a monumentalidade do património que cobre as regiões dos vales do Tâmega, Sousa e Douro tivesse projeção passou por implementar um sistema de sinalização turística e cultural para a Rota. Além de vários painéis “T2 – Património” presentes nas autoestradas, foram instalados 600 sinais viários no Vale do Sousa e cerca 1200 no Baixo Tâmega e Douro Sul. Brevemente, esta sinalética será reforçada e atualizada no Vale do Sousa. Por outro lado, também foram colocados 21 painéis informativos em monumentos no Vale do Sousa e haverá outros 37 nos monumentos do Baixo Tâmega e Douro.

No século XXI, a Internet é um meio de comunicação decisivo para captar turistas, principalmente os estrangeiros. Por isso, o site da Rota (www.rotadoromânico.com) está disponível tanto em quatro idiomas escritos (português, espanhol, inglês e francês), como em outras tantas vocalizações. Através daquele endereço

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES E FOTO DE RUI MANUEL FERREIRA

Uma boa comunicação é fulcral para o sucesso, por isso a Rota do Românico desenvolveu uma série de ferramentas e materiais para promover e potenciar o património sob sua alçada. A estratégia foi desenvolvida em torno de três diferentes percursos: Vale do Sousa, Vale do Douro e Vale do Tâmega.

A boa sinalização da Rota é decisiva, desde logo, para uma melhor compreensão da oferta cultural

eletrónico é possível realizar visitas virtuais ao interior e ao exterior de alguns monumentos do Vale de Sousa, do Baixo Tâmega e Douro Sul. De 2008 até ao início de 2014, o site já teve 253 mil visitantes e mais de 1,2 milhões de visualizações de páginas. Na Internet, a Rota também marca presença na rede Facebook com uma página que já conquistou mais de 8 mil “likes”.

Aplicação móvel em 4 idiomas

Porém, para os turistas é ainda mais útil a aplicação móvel da Rota do Românico para “tablets” e “smartphones”. Disponível em quatro idiomas escritos e falados, tanto para equipamentos IOS como Android, o software inclui várias funcionalidades. Permite visitas virtuais e visitas a 360 graus aos monumentos, tem extensa informação histórica e útil do local e inclui galerias de fotos e vídeos.

Além disso, tem mapas e um sistema de navegação que permite calcular rotas para o monumento desejado. Por último, compila informação turística relevante, como quais os locais para pernoitar e comer e

outros pontos turísticos próximos. Já teve perto de duas mil descargas para ambos os sistemas operativos.

Apesar das novas tecnologias, o papel ainda continua a ser preponderante, por isso já foram editados 25 mil folhetos dos 58 monumentos em quatro idiomas, e estão mais 25 mil na calha. Há também 75 mil mapas de bolso e 200 mil desdobráveis da Rota do Românico em português e inglês.

Em português, inglês, castelhano e francês já foram lançados 110 mil brochuras, guias turísticos, um vídeo promocional da Rota e 58 vídeos individuais de cada monumento. Por último foi implementado um plano integrado de comunicação e promoção que envolveu publicidade na imprensa, rádio, televisão, outdoors e muppis.

A Rota ainda suporta seis centros de informação em locais emblemáticos que, entre si, já acolheram mais de 10 mil visitantes. O centro do Mosteiro de Pombeiro, em Felgueiras, foi o mais visitado, com cerca de 5800 turistas entre 2010 e 2013. Seguiram-se os centros de Torre de

Vilar (5500 turistas), Mosteiro de Paço de Sousa (3500), Mosteiro de Ferreira (850) e o do Castelo de Arnóia (650). Há ainda o centro de informação de Paredes, que é destinado a atividades do Serviço Educativo.

Cooperação internacional

Desde 2009 que a Rota do Românico é membro da Associação Transromânica, a maior rede de itinerários e destinos românicos da Europa e que foi classificada como “Grande Itinerário Cultural do Conselho da Europa”. Graças a esta parceria, a Rota conseguiu a distribuição e promoção internacional de um desdobrável e de quatro brochuras bilingues diferentes e cartazes em sete idiomas.

A Rota também integra o Projeto E-Create, que envolve 13 parceiros de 10 países europeus.

O objetivo desta iniciativa é contribuir para a melhoria das políticas de desenvolvimento rural através do reforço da competitividade das empresas de pequena e média dimensão ligadas às atividades turísticas e culturais.



*Opinião

MUITO MAIS DO QUE UM PROJETO SUPRAMUNICIPAL

A Rota do Românico é um dos melhores exemplos de que dispomos para comprovar que a Região do Norte é uma região única. Com atributos naturais e patrimoniais de excelência, este território destaca-se em boa medida pelo empreendedorismo dos seus atores e pela sua capacidade de utilizar e tirar proveito dos recursos disponíveis.



TEXTO DE EMÍDIO GOMES (PRESIDENTE DA CCDR-N)

A origem desta rota, que começou a germinar em 1998, reflete o modo de trabalhar das pessoas do Norte: em equipa e abertos aos exterior. Sob o impulso da Associação de Municípios do Vale do Sousa, que sabiamente reconheceu o valor do património arquitetónico e das marcas identitárias que aloja, a Rota do Românico depressa extravasou o âmbito de um projeto supramunicipal. Ao longo destes anos assumiu-se como uma oportunidade para estimular iniciativas de diferentes agentes culturais, económicos e turísticos.

Isto significa que a rota não se resume apenas à visita do conjunto dos monumentos que a compõem, mas inclui também a promoção de programas de animação em territórios de baixa densidade e a atração de visitantes que carimbam uma nova dinâmica ao território, satisfazendo a oferta dos operadores turísticos e dos produtores locais.

O reconhecimento do contributo da Rota do Românico no posicionamento da região como um destino de referência refletiu-se hoje nos vários prémios que foram atribuídos a este projeto. É com verdadeira satisfação que tantas vezes vimos a equipa desta estrutura a subir a diferentes palcos para receber galardões que refletem o empenhamento e a dedicação das pessoas que trabalham para o seu sucesso.

A implementação da Rota do Românico merece justamente a alocação de fundos comunitários dirigidos à coesão local. Só no quadro comunitário que agora se encerra, a Associação de Municípios do Vale do Sousa beneficiou de mais de oito milhões de Euros do “ON.2 – O Novo Norte” (Programa Operacional Regional do Norte 2007/2013), para concretizar este projeto. E foram, igualmente, atribuídas verbas no valor de quatro milhões de euros a micro e pequenas empresas da região que

se associam a esta iniciativa. Um apoio que demonstrou ser muito significativo para os agentes locais e que deverá sair reforçado no quadro comunitário que agora iniciamos.

Quando testemunhamos o sucesso de uma boa história, somos forçados a exigir aos seus autores um desempenho ainda melhor. Assim, o desafio que é lançado para os próximos anos à Rota do Românico passa por capitalizar os apoios atribuídos e comprovar que, agora numa fase mais madura, é capaz de continuar a afirmar-se num percurso menos dependente dos fundos estruturais e muito concentrado no retorno do investimento efetuado.

A expectativa que recai sobre este destino de excelência do românico é que se afirme ainda com maior dimensão num Norte de Portugal cada vez mais competitivo, capaz de concorrer com as demais regiões europeias.

***Roteiros**

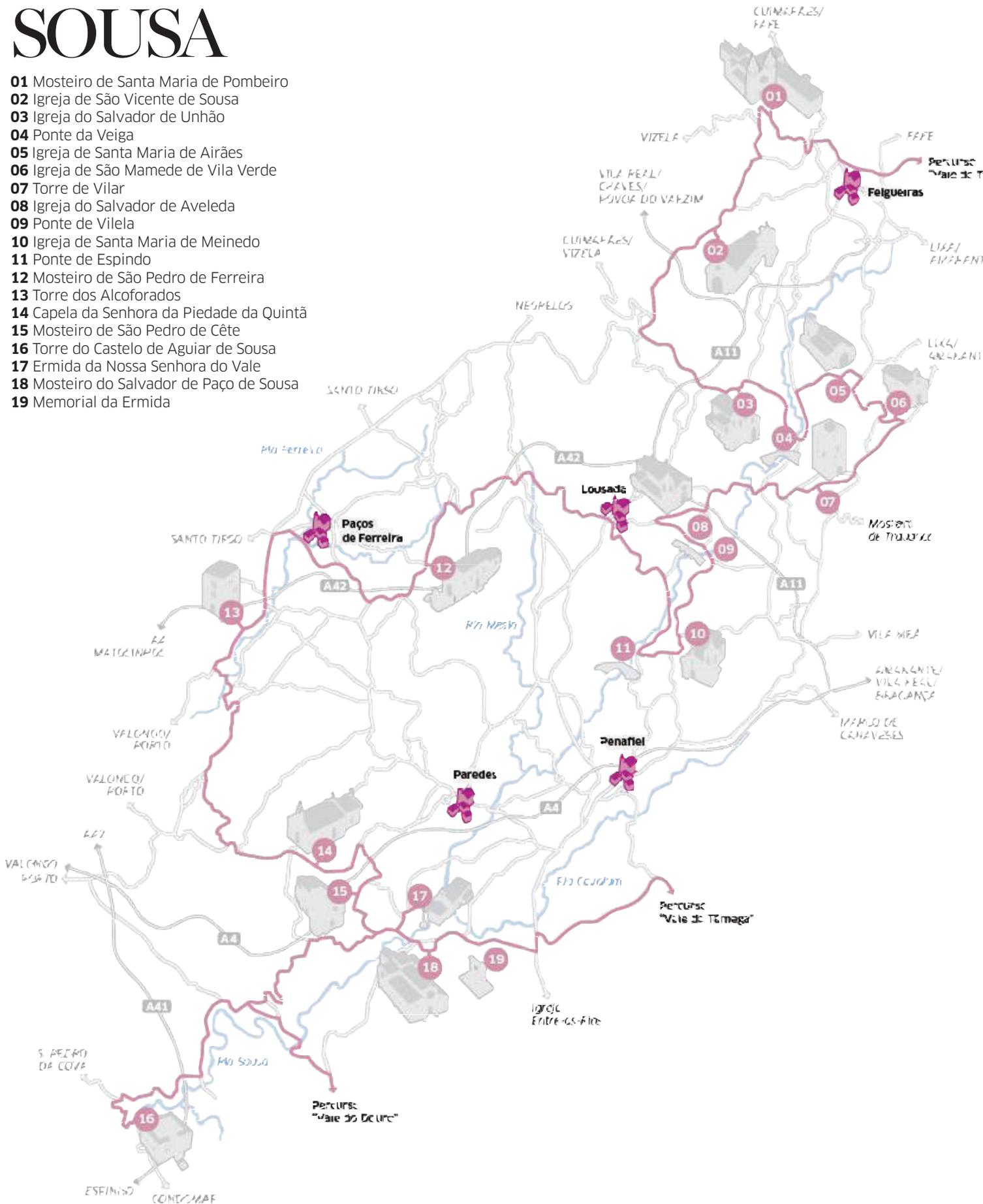
PERCURSOS SEM ADJETIVO

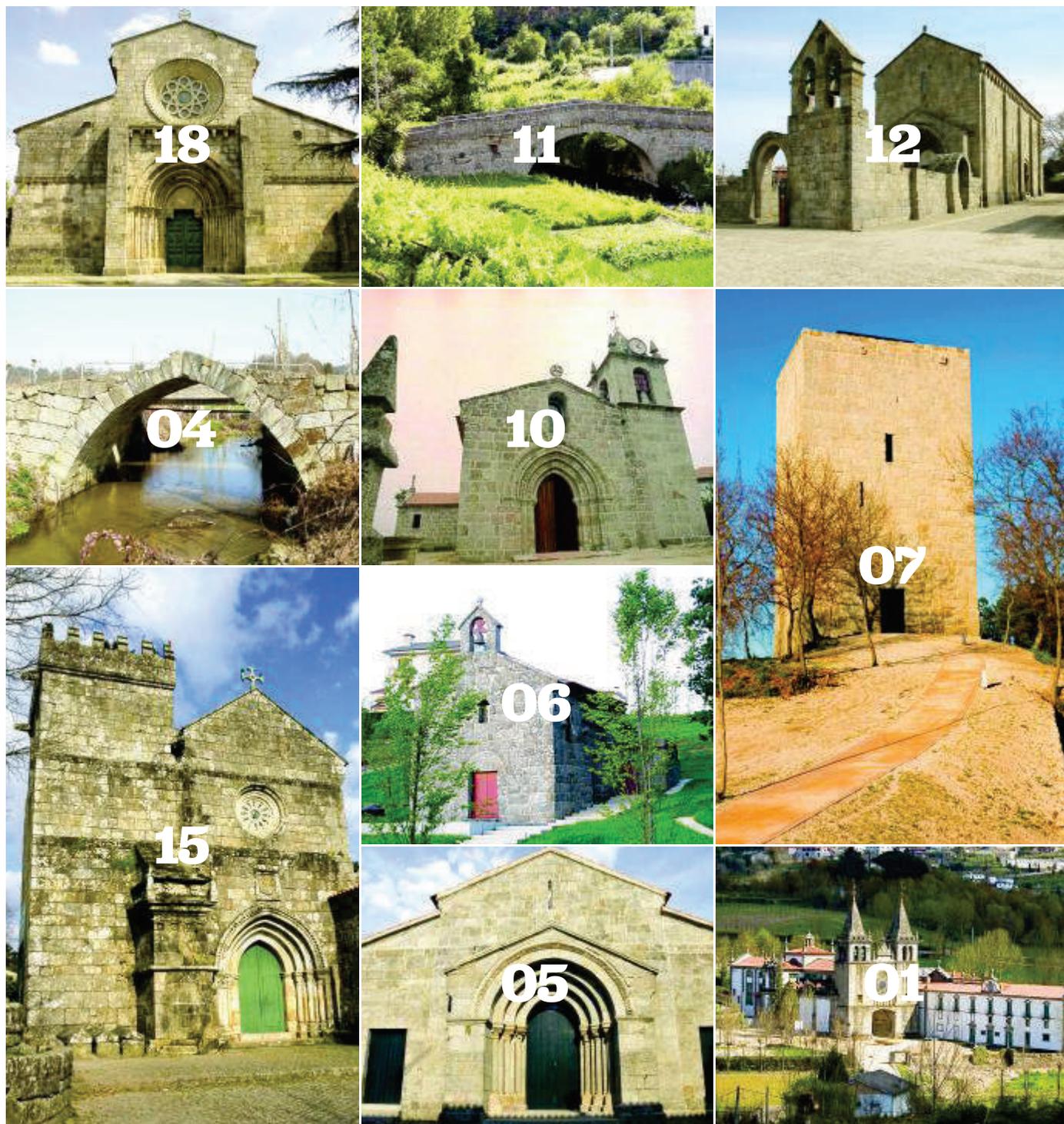
58 é o número de monumentos que podem ser vistos ao longo de toda a Rota	31 De entre os monumentos, 31 são igrejas, 10 mosteiros, 3 ermidas/capelas, 7 pontes, 3 torres e 1 castelo	24 é o número de monumentos nacionais espalhados pela Rota do Românico	23 são considerados monumentos/imóveis de interesse público	11 desses monumentos estão em vias de classificação
--	--	--	---	---

Belas teias
que esta
Rota tece

Roteiros*SOUSA**

- 01** Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro
- 02** Igreja de São Vicente de Sousa
- 03** Igreja do Salvador de Unhão
- 04** Ponte da Veiga
- 05** Igreja de Santa Maria de Airães
- 06** Igreja de São Mamede de Vila Verde
- 07** Torre de Vilar
- 08** Igreja do Salvador de Aveleda
- 09** Ponte de Vilela
- 10** Igreja de Santa Maria de Meinedo
- 11** Ponte de Espindo
- 12** Mosteiro de São Pedro de Ferreira
- 13** Torre dos Alcoforados
- 14** Capela da Senhora da Piedade da Quintã
- 15** Mosteiro de São Pedro de Cête
- 16** Torre do Castelo de Aguiar de Sousa
- 17** Ermida da Nossa Senhora do Vale
- 18** Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa
- 19** Memorial da Ermida





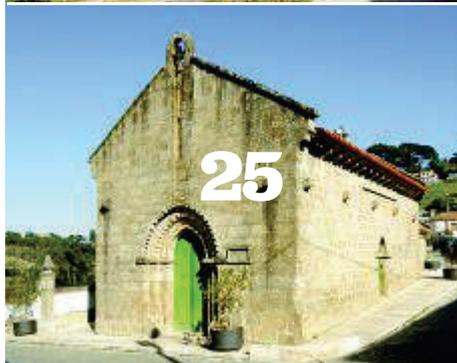
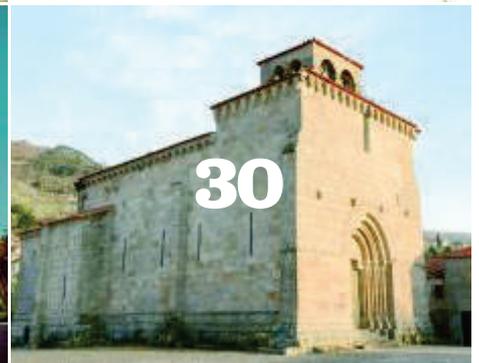
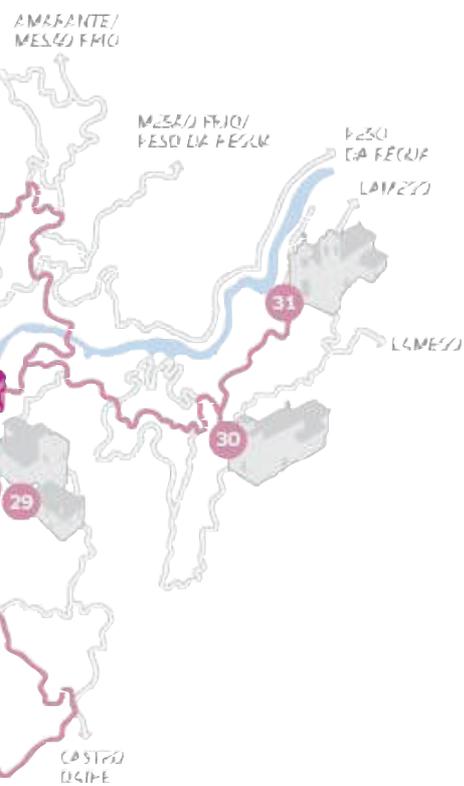
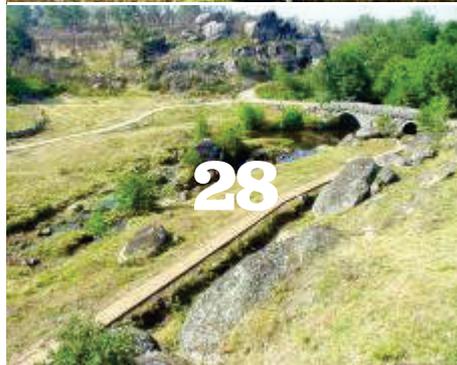
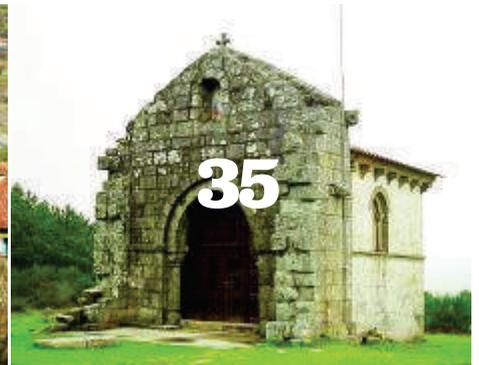
Outros pontos de interesse

Felgueiras Casa do Pão de Ló de Margaride, Villa Romana de Sendim **Lousada** Casa Museu de Vilar - A Imagem em Movimento, Rotas Gourmet **Paços de Ferreira** Citânia de Sanfins, Museu Municipal - Museu do Móvel **Paredes** Circuito Aberto de Arte Pública de Paredes, Parque da Senhora do Salto **Penafiel** Museu Municipal de Penafiel, Quinta da Aveleda, Magikland, Castro de Monte Mozinho, Quintandona - Aldeia de Portugal



Outros pontos de interesse

Marco de Canaveses Museu Municipal Carmen Miranda, Igreja de Santa Maria (de Siza Vieira), Estação Arqueológica do Freixo – Ruínas da Cidade Romana de Tongobriga **Amarante** Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, Igreja e Convento de São Gonçalo, Parque Aquático de Amarante **Celorico de Basto** Quinta e Casa do Prado – Jardim Público, Ecopista do Tâmega



Outros pontos de interesse

Castelo de Paiva Ilha do Castelo, Miradouro de São Domingos **Cinfães** Museu Serpa Pinto, Miradouro de Teixeira, Boassas e Vale de Papas - Aldeias de Portugal **Resende** Museu Municipal de Resende e Termas das Caldas de Aregos **Baião** Museu Municipal de Baião, Conjunto Megalítico da Serra da Aboboreira, Fundação Eça de Queiroz

A diretora da Rota do Românico afirma que, quando se fala do Românico, fala-se do Norte de Portugal. E lembra que os grandes mecenas da construção do património foram os senhores feudais do Condado Portucalense. “Este foi o berço da Nação”. A valorização deste produto passa por repensar institucionalmente a governança da Rota, alargá-la e abri-la a privados.

***Entrevista** TEXTO DE JOSÉ VINHA E FOTO DE ARTUR MACHADO

“O ALARGAMENTO DA ROTA
É O PASSO A SEGUIR”

Rosário Machado



A valorização deste produto passa por ganhar escala?

Sou completamente a favor da abertura aos privados, mas não se pode correr o risco de perder qualidade. A Rota deve continuar a ser um projecto público, porque a grande missão é o desenvolvimento da economia regional, em que o turismo é a forma mais concreta de trazer riqueza e gerar qualidade de vida.

Mas é preciso mudar mentalidades...

Temos um projeto pedagógico. Desde há quatro anos que fazemos parte dos conteúdos educativos dos programas ao nível do quarto ano do primeiro ciclo. É essencial a mudança de mentalidades, valorizar o conhecimento das pessoas sobre o seu património, a sua salvaguarda e a conservação.

E qual é a chave dessa afirmação?

Orgulho próprio. Nós só temos orgulho naquilo que conhecemos, e a melhor forma de trabalhar isto é com as crianças. Aprendem que este território foi muito importante para a fundação de Portugal, sendo o Românico a parte física visível. Quando passamos às crianças o testemunho de que este era o grande território dos senhores feudais, explicamos que, àquela época, construir uma igreja, um mosteiro ou uma ponte era um feito imenso!

A Rota ainda só tem 16 anos!

Criámos um projecto a partir do zero. O património está cá, há muitos séculos, mas era considerado, na melhor das hipóteses, a igreja da comunidade! Um dos grandes feitos da Rota foi mexer com o orgulho das pessoas.

Há muito trabalho de investigação?

Investimos muito na investigação e criámos um centro de estudos, porque percebemos que o nosso território está no eixo e no centro de três pólos universitários. No entanto, é um território pouco estudado. E não só ao nível da História da Arte. Felizmente, as coisas estão a mudar. No início, quando começámos a querer publicar, percebemos que havia monumentos investigados até ao exagero, a par de um conjunto de pequenos elementos patrimoniais físicos não investigados. Passamos a investigar em todo o territó-

rio, para não criar falsas expectativas ou falsa informação.

Quando começaram eram, apenas, seis concelhos.

O sucesso da rota resulta, também, do facto de ter começado por seis municípios e ir alargando gradualmente, porque foi testado. Se calhar, se tivéssemos tentado uma escala mais alargada, não teríamos conseguido este desenvolvimento. A Rota começou no Vale do Sousa, em 1998, porque, ao nível de fundos comunitários, era uma unidade administrativa coesa, sendo que nessa altura já se falava que há mil anos atrás o território envolvia o Baixo Tâmega e o Douro Sul. Os estudos para o alargamento da Rota ao Baixo Tâmega e Douro Sul iniciam-se em 2006 e, mesmo não havendo ainda uma vontade expressa desses municípios, já a Comissão de Coordenação da Região Norte fazia conosco estudos para equacionar a possibilidade desse alargamento.

Permita-me a analogia: aplicaram a metodologia da construção dos monumentos?

Exactamente, pedra sobre pedra, e quando estava sólido alargamos. Houve sempre um papel muito forte da Comissão de Coordenação. No segundo Quadro Comunitário, o engenheiro Braga da Cruz agarrou a Rota porque achava que era um projecto que tinha futuro; mais tarde, a doutora Cristina Azevedo deu continuidade e teve um papel fundamental neste projecto.

Hoje a Rota do Românico já tem notoriedade.

O ano 2010 foi de glória, e espero que se repita: alargámos a Rota, ganhámos seis prémios, nacionais e internacionais, e o prémio Norte Civitas do JN e da Comissão de Coordenação.

E com novo modelo institucional?

Não basta apenas criar uma rota, é preciso envolver privados. Sem eles, sem a comunidade, sem restauração, a Rota não tem sentido. Não são as entidades públicas que vão dar de comer a quem nos visita ou disponibilizar dormidas. É preciso criar uma rede em redor do património. **Há um ponto crítico, sobretudo porque**

as igrejas nem sempre estão abertas.

Pois, esse é um ponto crítico. Mas temos de compreender que grande parte do românico está em zonas rurais e isoladas. Além do perigo do roubo, há o perigo da falta de respeito pelos espaços e o risco de as pessoas de não perceberem o espaço onde estão.

E também uma visita isolada é diferente de uma acompanhada com técnicos.

As pedras do românico são lindíssimas, mas não falam. É preciso alguém que fale pelo património edificado. É sempre um pormenor novo a descobrir. A Rota não é só para um público esclarecido, acima da média. A rota tem de ter uma linguagem universal. Há muita gente de terceira idade, fascinada pelas raízes de Portugal, mas há muito jovens que nos procuram.

E o futuro?

O futuro passa por definir um modelo de governança, abertura a privados sem deixar de ser um projecto de cariz público. O alargamento é o passo a seguir, que tem de ser pensado por quem de direito. O Românico é uma âncora forte e um grande produto da Região Norte. Quando falamos em Românico falamos no Norte, apesar de haver algum Românico pelo país.



O rosto da Rota do Românico

Rosário Machado é licenciada em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Com pós-graduação em Gestão de Centros Urbanos, estagiou em Londres e Turim. Em 2006, obteve a pós-Graduação em Turismo, Ordenamento e Gestão do Território, e há três anos terminou o Curso de Gestão Pública na Administração Local. É diretora da Rota do Românico desde 2006, sendo nomeada ainda diretora do Centro de Estudos do Românico e Território e copresidente da Comissão Científica da Rota do Românico. Integra desde o ano passado, a Direção Executiva da TRANSROMÂNICA, sediada em Magdeburg na Alemanha, sendo a única mulher portuguesa em tão importante função.

***Turismo**

ISTO É MESMO IMPERDÍVEL!

Bons exemplos há-os para todos os gostos, quando se fala de turismo em locais com tanto potencial como são os vales do Tâmega, Sousa e Douro. Escolhemos quatro possibilidades para usar e abusar dos encantos destes sítios mágicos e imperdíveis. Tenha uma certeza: depois de conhecer estes, não resistirá às tentações que muitos outros guardam.

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES

01

Solar da Brita

RUA DA FORÇA, 86, LOUREDO
PAREDES

Telefones:
255 776 370
918 285 845

A história do restaurante Solar da Brita começa há 50 anos, com Georgina Brita e uma mercearia que servia vinho e petiscos. Os clientes, que são como família, achavam que as iguarias de Georgina mereciam mais, por isso incentivaram-na a abrir um restaurante. Nos anos 90, fizeram uma sala, mantendo a mercearia. A fama dos cozinhados de Georgina foi crescendo e, em 2012, decidiram dar novo salto: renovaram a casa centenária e, finalmente, o Solar da Brita ganhou a dignidade que merecia. “Conseguimos! Está tudo a funcionar”, diz, com orgulho, José Barbosa. A decoração mudou, mas a comida é igual. “Tudo cozinha tradicional portuguesa: cabrito, rojões, cozido e pica-no-chão”, enumera o filho de Georgina. Este verão vão arrancar com os fins de semana gastronómicos, em que haverá preços mais convidativos. São os três descendentes que gerem o Solar da Brita. Porém, Georgina, aos 79 anos, ainda vai muitas vezes dar uma mãozinha à cozinha, para ver se as suas receitas estão a ser bem seguidas...

02

Cozinha da Terra

LUGAR DA HERDADE, 8
PAREDES

Telefones:
255 780 900
918 756 248

Teresa Ruão tinha um sonho de criança: devolver vida à casa da família. Há não muitos anos, a casa de Louredo estava em ruínas. Com dedicação, boa cozinha e gosto em receber, o espaço foi sendo renovado: hoje, está como novo. Em 1998, Teresa Ruão deixou para trás a carreira de diretora comercial e abriu a Cozinha da Terra. O restaurante rapidamente ganhou destaque e muitos prémios, por seguir de perto a tradição gastronómica local. “Sou uma fundamentalista da cozinha portuguesa”, confessa a proprietária. E, no seu próximo projeto, a “Escola da Sabores”, isso “será levado ao extremo”. “Há coisas que não posso fazer no restaurante, mas que vou poder fazer na cozinha do fumeiro”. Por exemplo, usar o panelão de ferro com três pernas ou um forno a lenha. Para já, ainda está ocupada com a Casa de Louredo, espaço de turismo rural que abriu portas há menos de um ano e que vai conquistando o seu espaço. Aos poucos, a casa ganha cada vez mais vitalidade. O sonho vai concretizar-se...

03

Douro Wake

SOLAR DE SEBOLIDO, RUA
DE S. PAULO, SEBOLIDO, PENAFIEL

Telefones:
220 131 755
962 755 823

Inserida numa mancha verde com 80 mil m² que vai da aldeia até ao Douro, a Quinta das Lagoas é o “campo de jogos” da Douro Wake. A empresa, criada em 2010 por Ana Fontes e Miguel Castro, apostou num segmento ainda pouco explorado na zona: as atividades náuticas e o ecoturismo. A empreitada não foi fácil. Ana e Miguel tiveram de limpar o património natural, removendo todas as plantas infestantes e plantando à mão cerca de 2700 árvores autóctones. Em 2012, com o apoio do PRODOR, recuperaram o histórico solar e ganharam capacidade hoteleira. Hoje, a Douro Wake é incontornável para quem quer passar umas férias ativas na Rota. Possibilitam a prática e aprendizagem de vários desportos náuticos: ski aquático, wakeboard, canoagem, remo, windsurf e vela. Ainda promovem o ecoturismo com rotas de observação da natureza, caminhadas e BTT. O sucesso tem sido tanto que passaram a gerir as atividades náuticas do Eurostars Rio Douro Hotel & Spa, do outro lado do rio.

04

Solar Egas Moniz

RUA DOS MONGES BENEDITINOS,
N.º 158, PAÇO DE SOUSA, PENAFIEL

Telefone:
962 168 254

Com vistas para o Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa, o Solar Egas Moniz vai buscar o seu nome ao aio de D. Afonso Henriques que está sepultado naquele lugar. E é a história desta personagem carismática que dá o mote para a decoração. Com a sua enorme afabilidade e bom gosto, a família Vinha transformou a casa de 1892 num espaço carismático mas descontraído, onde tanto se pode passar um momento agradável com os Vinhas ou, então, aproveitar os muitos recantos pacatos ou a piscina para relaxar.

A gastronomia regional ocupa aqui um papel principal. Além de refeições tradicionais, ainda possui uma enoteca que destaca os verdes da região, mas que não esquece os outros vinhos do país. Também nos petiscos o lema é o mesmo: há de tudo, mas os holofotes vão para as iguarias locais: presunto, salada de grão com bacalhau ou pataniscas, servidos em bases de xisto que resultaram de peças antigas do solar.



01



02



03



04

*Recuperação da Casa Valxisto

A casa da Quinta de Valverde estava num avançado estado de degradação, quando Hélder Moreira e Ana Cristina Oliveira a receberam por doação em 2010. O casal viu potencial na casa localizada na Aldeia Preservada de Quintandona, em Lagares, Penafiel. Estudaram os apoios que havia, delinearam um projeto de recuperação e avançaram. Em boa hora.

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES E FOTOS DE LEONEL DE CASTRO

DAS RUÍNAS AO PARAÍSO

60%

FUNDOS COMUNITÁRIOS

Os fundos comunitários entraram com 60% dos 300 mil euros necessários para o projeto.

As obras, feitas com a ajuda do PRODER (60% dos 300 mil euros gastos no projeto foram pagos por fundos comunitários) começaram em março de 2012 e, em julho de 2013, a Casa Valxisto estava pronta. “Mesmo com um inverno especialmente chuvoso, os trabalhos fluíram bem”, recorda Hélder. O mérito pretence à “excelente equipa: arquiteto, empreiteiro chefe e designer, todos trabalharam muito bem”. E o resultado agradou a todos.

“Mantivemos ao máximo a estrutura original da casa rural, mas demos-lhe o conforto de um hotel de luxo”, explica Ana Cristina. Os sete quartos e o estúdio têm casa de banho própria, ar condicionado, tv e wi-fi. “A decoração primou pela harmonia, para que as pessoas se sentissem leves, que é o que pretende quem vem descansar”. Cada divisão tem o nome de um dos produtos biológicos cultivados na quinta e uma decoração relacionada. Por exemplo, há o quarto framboesa e o do mirtilo.

Os produtos hortícolas e frutícolas ali produzidos são utilizados no pequeno-almoço e nas refeições dos hóspedes. “Eles valorizam imenso”, garante Ana Cristina. Mas há

outros “mimos”, como um copo de vinho do Porto à chegada, chás, ou o muito procurado serviço de piqueniques, seja o desportivo numa mochila, ou o clássico na cesta. A casa também disponibiliza bicicletas para passeios e tem piscina com vista para as vinhas.

Os dois engenheiros (ele mecânico, ela química) ainda mantêm os empregos anteriores. “Era mais fácil se um de nós se dedicasse só a isto, mas ainda não dá”, lamenta Ana. Têm dois filhos pequenos para criar e ainda não atingiram a estabilidade financeira para isso. “Se reparar, a maior parte das pessoas entra no turismo rural como projeto de pré-reforma, ou mesmo de reforma. Nós ainda estamos longe disso”, argumenta Hélder. Mas não escondem que um dia ambicionam chegar a esse patamar.

Ana Cristina e Hélder dizem que o material providenciado pela Rota do Românico têm sido “ferramentas ótimas” para os turistas. “Têm sido importantíssimos para a divulgação do património. Se toda a gente fosse tão séria e dedicada como eles, este país estava muito melhor”, garante Ana Cristina.



*Casa Museu de Vilar

Na freguesia de Vilar do Torno e Alentém, situada em Lousada, a Rota do Românico tem uma paragem inesperada. Numa centenária casa senhorial funciona, desde maio, a Casa Museu de Vilar - A Imagem em Movimento. O espaço, totalmente dedicado à arte da Animação, é o primeiro museu do concelho.

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES E FOTO DE LEONEL DE CASTRO

IMAGEM ANIMADA E ABI FEIJÓ DÃO PRIMEIRO MUSEU A LOUSADA



A iniciativa partiu de Abi Feijó e Regina Pessoa, dois dos mais prestigiados cineastas e produtores de animação portugueses, e contou com a colaboração do casal Marcy Page e Norman Roger (que, entre si, têm oito óscares da animação). “Quando o meu pai morreu, eu queria ficar com a casa de família, mas não tinha dinheiro para a quota dos meus irmãos”, conta Abi Feijó. O cineasta e a companheira falaram com os amigos cineastas canadianos que andavam à procura de um lar na Europa e, os quatro, acordaram partilhar a Casa de Vilar. Faltava saber o que fazer com tanto espaço.

“Não sou propriamente um agricultor. Tinha de arranjar uma coisa da minha área”, re-

corda Abi Feijó. Surgiu a ideia de um projeto cultural ligado ao Cinema de Animação. “Eu já desenvolvia uma vertente pedagógica, por isso fazia todo o sentido adaptar parte da casa para estes fins.” Candidatou-se ao PRODOR e, com o apoio da Rota do Românico, conseguiu os fundos para arrancar o projeto.

Um museu vezes três

Atualmente, o Museu tem três grandes vertentes. Há um espaço dedicado ao pré-cinema com várias relíquias, como os taumatrópios (discos com uma corda que giram sobre si), as lanternas mágicas, os “flip books” e outros brinquedos óticos. “É uma das minhas outras paixões. É impressionante como, apesar de



40 prémios e menções

Licenciado em Arte Gráfica e Design pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, fundou o Filmógafo, em 1987, e a Casa da Animação no Porto, em 2000. Da sua obra constam alguns dos mais importantes filmes de animação nacionais como Os Saltadores (1993), Fado Lusitano (1995) e Clã destino (2000). Paralelamente à actividade artística, Abi Feijó também desenvolveu carreira no ensino como professor universitário e formador. Foi distinguido com mais de 40 prémios e menções em diversos Festivais Internacionais, e em 1996 foi distinguido com a Medalha de Mérito Cultural, grau de ouro, da Câmara Municipal do Porto.

tanta tecnologia, coisas desta simplicidade ainda nos conseguem maravilhar”

Outra das salas está dedicada às obras de Abi Feijó e Regina Pessoa, desde os tempos do estúdio Filmógafo até à atual Ciclope Filmes. Há desenhos originais de ambos e podem-se comparar estas imagens com excertos dos filmes que elas vieram a originar. Há ainda outra área expositiva com desenhos originais de famosos animadores de todo o mundo. Resta dizer que, ao longo do Museu e na área das oficinas e workshops, ainda há vários equipamentos, alguns clássicos, do cinema de animação.

Agora, o desafio de Abi é manter este espaço. “Vamos tentar sobreviver com a parte pedagógica e apelamos à participação das pessoas, porque manter este espaço não é fácil”, diz.

Por isso, de 18 a 29 de agosto, haverá no museu uma Oficina Internacional de Cinema de Animação sobre Brinquedos Óticos dirigida a crianças e jovens entre os 8 e os 14 anos que culminará com a realização de um pequeno filme coletivo.

Para mais informações ligue 936275674, ou escreva para casamuseudevilar@gmail.com

*Serviço Educativo

DE PEQUENINO É QUE SE TORCE O PEPINO



4 MIL

Número de jovens que participaram em visitas de estudo e ações pedagógicas realizadas pela equipa do Serviço Educativo da Rota do Românico desde janeiro. Nas visitas já participaram cerca de três mil, a que se juntam os mil que tiveram contacto com os monumentos na sala de aula.

Um canal na Internet, visitas de estudo, jogos didáticos, trabalho de campo, oficinas de férias e até um passaporte especial são algumas das armas usadas pelo Serviço Educativo da Rota do Românico para seduzir os mais novos. O “arsenal” pedagógico tem dado frutos.

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES E FOTO DE LEONEL DE CASTRO

“Tem sido bastante positivo, fazemos visitas quase todos os dias”, garante Joaquim Costa (na foto), um dos quatro elementos da equipa do Serviço Educativo. Além de muito material pedagógico apelativo, o segredo para o sucesso é “ter boa disposição e muita descontração. Puxamos muito pelas histórias dentro da história e pela participação deles”, acrescenta.

O impacto junto dos jovens é fulcral para a sobrevivência de todo o projeto. “Se queremos que Rota seja proveitosa e um elemento aglutinador dos 12 concelhos, terão de ser eles a dar-lhe continuidade”, explica

Joaquim Costa. Por isso há uma aposta muito grande na proximidade com as escolas.

O Serviço Educativo tem atividades específicas para todos os anos de escolaridade, mas a grande aposta é no 4. ano. “É quando começam a estudar a História de Portugal e de D. Afonso Henrique. Faz todo o sentido introduzir aqui a temática do Românico e a história do seu próprio território”, explica o formador.

Por isso, a Rota estabeleceu uma parceria com as Autarquias em que todas as turmas do 4. ano beneficiam duma atividade ligada ao Românico. “Tanto vamos às escolas, como levamos as

escolas aos monumentos”.

No ano letivo que agora findou, a equipa desenvolveu ações junto de 72 turmas de escolas do Ensino Básico. Normalmente, de manhã fazem um enquadramento teórico da Rota e, de tarde, há trabalho de campo com a visita a um dos monumentos. Além da parte pedagógica, os passeios contêm várias atividades divertidas como, por exemplo, pintar um mural. E, nas visitas, é distribuído a cada aluno um Passaporte da Rota com os 58 monumentos e uma pergunta sobre cada um deles. Se descobrirem a resposta correta durante a visita, ganham um

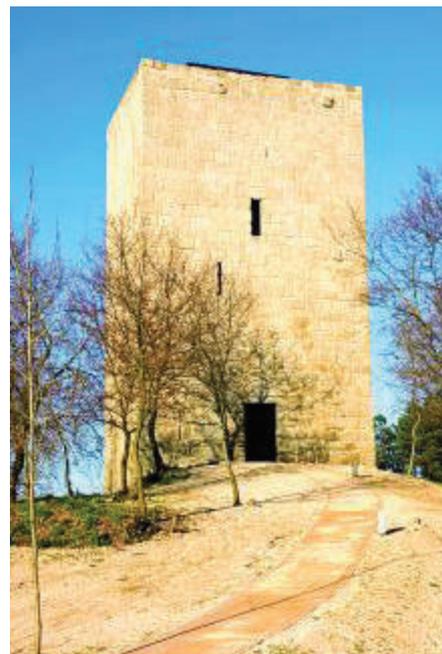
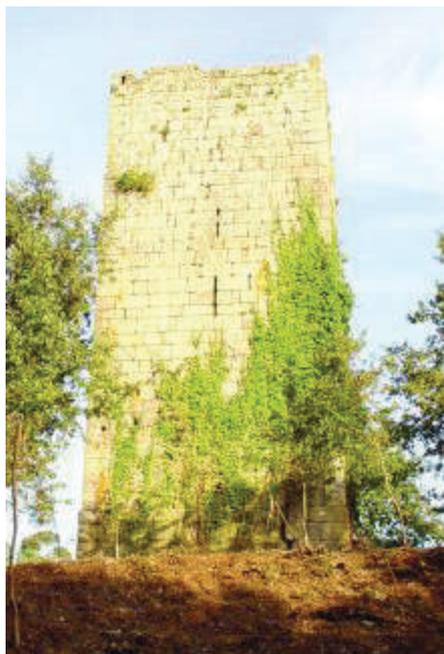
carimbo. Quem completar o passaporte com todos os 58 carimbos recebe um prémio especial. “É uma das coisas que eles mais gostam e, além de incentivar mais visitas aos monumentos, também cativa os pais para os levarem lá. É ótimo”, explica Joaquim Costa.

Além dos cadernos de atividades para as escolas e de sete jogos de mesa exclusivos, a Rota também criou um micro site na Internet (rotadoromanico.pt/canaljuvenil) especialmente dedicado aos mais novos. Lá podem-se encontrar conteúdos juvenis e também jogos pedagógicos. Espreite.

*Conservação do Património

11 MILHÕES GASTOS. E MAIS 5 PARA GASTAR NA CONSERVAÇÃO

As diferenças são óbvias: o antes, o durante e o depois das obras de restauração da Torre de Vilar



Desde 2003, a Rota do Românico gastou 11 milhões de euros no restauro do património edificado e zonas envolventes. Há mais 5 milhões para construção de centros interpretativos (Lousada e Abragão) e restauro de dois monumentos: o Mosteiro de Paço de Sousa e Cête.

TEXTO DE JOSÉ VINHA E FOTOS DIREITOS RESERVADOS

Ricardo Magalhães, responsável pelo Gabinete de Conservação e Salvaguarda, acredita que a “conservação do património cultural deve ser uma parte integrante dos processos de planificação e gestão de uma comunidade, e pode contribuir para o desenvolvimento sustentável, qualitativo, económico e social dessa comunidade”.

A Rota tem como objetivos o apoio à valorização do património histórico e já identificou, como projeto âncora, a beneficiação, conservação e salvaguarda da arte românica do Tâmega e Sousa, bem como a constituição de um circuito turístico, cultural e religioso. Esta é a forma de mostrar o que nem sempre os olhos conseguem enxergar.

Numa primeira fase, o investimento foi canalizado para a conservação, salvaguarda e valorização do património e criação de

condições de visita aos imóveis. Atualmente, está em curso a implementação do Centro Interpretativo do Românico, em Lousada, e do Centro Interpretativo da Escultura Românica em Abragão, Penafiel.

Na zona do Tâmega decorrem trabalhos de conservação no Mosteiro de Travanca, Amarante (cerca de 300 mil euros); e em Celorico de Basto, na zona envolvente ao Castelo de Arnoia, estão a decorrer obras de beneficiação (300 mil euros). Além disso, em Cinfães, as igrejas de Escamarão, Tarouquela e S. Cristóvão de Nogueira estão a ser beneficiadas com obras de 160 mil euros.

“A Rota do Românico tem, por princípio, o respeito pela história dos imóveis que a integram. As intervenções nestes imóveis respeitam as Cartas Internacionais de Salvaguarda, nomeadamente a Carta de Cra-

cóvia 2000, segundo a qual a conservação do património construído é executada de acordo com o projeto de restauro, que se inscreve numa estratégia para a sua conservação a longo prazo”.

Para o sucesso deste projeto existem vários parceiros, desde a Direção Regional da Cultura do Norte, Direção Geral do Património Cultural, Diocese do Porto, Juntas de Freguesia e associações locais.

No Vale do Sousa, o restauro de imóveis como a igreja do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) ou a igreja do Mosteiro de Cête (Paredes) constituem “um momento de felicidade” para a equipa técnica da Rota: as empreitadas serão feitas ainda sob a “tutela” do atual Quadro Comunitário de Apoio, sendo que as duas tinham sido adiadas por à falta de entendimento entre entidades.

*Centro de Estudos

O Centro de Estudos da Rota do Românico foi criado para produzir e divulgar novos conhecimentos que permitam melhor compreender o legado do românico nos vales do Sousa, Tâmega e Douro. Além de fundar uma biblioteca especializada e um sistema de inventariação e gestão de coleções e conteúdos, o Centro já editou 7 publicações científicas.

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES, FOTO DR



AJUDA PRECIOSA PARA CONHECER O NOSSO PASSADO

Um dos trabalhos mais relevantes foi “Pintura Mural na Rota do Românico”, de Paula Bessa, professora do Departamento de História e membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.

A ideia da obra foi “conciliar um trabalho de investigação sério com a função de servir de acompanhamento ao visitante, especialista ou não”, explica a autora. Ou seja, “é uma publicação com rigor científico, mas com uma apresentação suficientemente acessível para que seja agradável e útil para o visitante não especializado”.

A investigação debruçou-se

sobre alguns murais já estudados, mas, com o trabalho de campo, também descobriu outros relativamente desconhecidos. Para Paula Bessa, o conjunto destas obras é de “enorme valor” pois a sua diversidade temporal e temática – do século XV até ao século XIX – “permite-nos ver de que maneira foi evoluindo a encomenda e a própria pintura mural na zona ao longo dos séculos”.

Diferença de qualidade

Por exemplo, o cuidado da capela-mor cabia ao abade. Já a nave e o corpo da igreja eram da responsabilidade dos paroquianos que, por devoção e ou prome-

sa, encomendavam temáticas com os seus santos prediletos. Isto gerou situações, como na Igreja de São Mamede de Vila Verde, em que, apesar da autoria ser da mesma oficina, há uma óbvia diferença de qualidade entre as obras.

Paula Bessa considera que os monumentos do Românico constituem “um património arquitetónico e artístico importantíssimo que vale a pena valorizar junto das populações locais e também a nível interno e no estrangeiro”. Daí a importância da Rota pois “favorece a preservação dos edifícios e ainda oferece uma estrutura organizada de visita”.



900

MONOGRAFIAS

Dedicadas às temáticas da Arquitetura, Conservação e Restauro, História da Arte, História Local e Turismo, inclui cerca de 900 monografias, 50 publicações periódicas e 25 estudos e relatórios técnicos.

*Opinião

UMA OFERTA TURÍSTICA CONSOLIDADA

A Rota do Românico, lançada em Abril de 2008, é o resultado de um projeto de conservação, salvaguarda e valorização de um conjunto de monumentos e sítios românicos localizados na Região do Vale do Sousa. Dado configurar uma intervenção integrada sobre património cultural com potencial turístico, o projeto obteve apoio financeiro de Turismo de Portugal, nas componentes associadas à valorização turística, incluindo centros de acolhimento ao visitante e sinalética da rota.



TEXTO DE JOÃO COTRIM DE FIGUEIREDO (PRESIDENTE DO TURISMO DE PORTUGAL)

A equipa de gestão da Rota tem vindo a consolidar uma proposta de oferta turística no território, suportada na especificidade do património românico e nas leituras da Paisagem que esse património proporciona, enriquecendo assim a experiência de descoberta da região, tanto das comunidades locais como dos visitantes, nacionais e internacionais. Por outro lado, é de relevar o permanente esforço na estruturação dessa oferta, associando outros serviços e propostas complementares, disponibilizados por parceiros da operação turística.

Também a implementação de um plano de promoção da acessibilidade da Rota para pessoas com necessidades específicas fez parte do desenvolvimento do projeto, sendo por isso mais uma boa prática

que é importante assinalar.

De referir, ainda, a integração da Rota no Itinerário Cultural do Conselho da Europa “Transromânica”, confirmando não só a relevância do património português no contexto europeu, como também a importância da internacionalização dos projetos de modo a alcançarem notoriedade e maior capacidade de atrair fluxos turísticos.

A Rota do Românico é, por tudo isto, um bom exemplo de um projeto turístico desenvolvido a uma escala supra municipal que tem conseguido “dar corpo” a uma rede, não apenas de recursos patrimoniais, mas também de outras componentes associadas a valências do território, desde a gastronomia, as artes tradicionais ou os eventos, todos passíveis de serem comercializados pelos agentes turísticos,

em diferentes formatos e programas, assegurando, junto do cliente final, padrões de qualidade – nos conteúdos, nos materiais de comunicação, no merchandising e, claro, nos serviços prestados.

Continuam a ser permanentes os desafios de captação de mais visitantes nacionais e estrangeiros, de envolvimento dos agentes turísticos para diversificar as ofertas, de inovação para acompanhar as tendências do turismo, seja no marketing digital, no desenvolvimento das experiências ou no estímulo à criação de novos projetos e negócios inspirados na Rota do Românico e geradores de riqueza para o território.

A equipa da Rota tem demonstrado ser capaz de enfrentar novos desafios e de procurar as melhores soluções. Assim deverá continuar.

O Baixo Tâmega está há quatro anos na Rota do Românico. Manuel Moreira, líder da Associação de Municípios do Baixo Tâmega e presidente da Câmara do Marco de Canaveses, diz que deveriam integrar o projeto há mais tempo. Para ele, só a Comunidade Intermunicipal deve gerir a “Rota”, mesmo que tal conduza à extinção das Associações de Municípios.

***Entrevista** TEXTO DE JOSÉ VINHA E FOTO DE FERNANDO PEREIRA

“REGIÃO A UMA VELOCIDADE EM QUE OS MAIS FORTES ALAVANCAM OS OUTROS”

Manuel Moreira

A Rota do Românico já ganhou a escala necessária para se afirmar como projeto de desenvolvimento regional?

Ainda não. Sou defensor da integração da Rota do Românico na Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa, precisamente para ganharmos escala e estarmos todos em pé de igualdade.

Mas há municípios que vão para além da Comunidade Intermunicipal e que querem aderir ao projeto...

Ainda bem. Mas, por enquanto, somos 12 municípios: apesar de ter saído para a Área Metropolitana do Porto (AMP), Paredes continua na Associação de Municípios do Vale do Sousa. Tenho pena que Paredes tenha integrado a AMP, porque é o município maior em termos de população – e com Paredes seríamos a maior comunidade intermunicipal do país, a seguir a Lisboa e Vale do Tejo e Porto. Mesmo assim, somos cerca de 400 mil habitantes.

O Marco de Canaveses os outros Municípios do Baixo Tâmega sentem a importância do projeto do românico?

A Rota do Românico é um grande património cultural e turístico que pode ser um projeto-âncora do desenvolvimento de toda a região. Tenho pena que o projeto não tivesse começado a funcionar com todos estes concelhos.

Portanto, nesta conjuntura a entidade aglutinadora é a CIM?

Essa deveria ser a entidade gestora da rota. Sou regionalista assumido, convicto e muito favorável à valorização destas sub-regiões.

Mas, a vários níveis, há concelhos mais pujantes que outros...

Pretendo uma região a uma única velocidade em que os mais fortes alavancam os outros. A estratégia para a Rota do Românico está correta, no sentido que é preciso recuperar e valorizar este património,

mas precisamos de uma entidade que aglutine todas as vontades.

Que, em sua opinião, deve ser a CIM do Tâmega e Sousa...

O mais importante é definir a entidade gestora da Rota do Românico. Espero que isso se faça ainda este ano. Solicitei que esse ponto fosse integrado na ordem do dia do Conselho da CIM do Tâmega e Sousa. Depois, temos de avançar para o novo Quadro Comunitário de Apoio, porque ainda estamos a aproveitar fundos do QREN até 2015.

Reforçar o papel da CIM como entidade gestora pode implicar a extinção das duas associações de municípios: Vale do Sousa e Baixo Tâmega...

Temos de apostar convictamente na Comunidade Intermunicipal e não andarmos a brincar às associações de municípios. As Associações de Municípios do Vale do Sousa e do Baixo Tâmega deviam

Manuel Moreira fotografado junto à Igreja Santa Maria de Sobretâmega, símbolo do Românico no Marco de Canaveses



terminar. Tiveram um papel muito importante na região, mas hoje os tempos são outros e precisamos de ganhar escala. Pulverizar não se ganha nada. Sou contra o dividir para reinar.

Aproveitar o exemplo das associações comerciais e empresariais da região?

Exatamente. Foi muito difícil às 13 associações empresariais e comerciais criarem o Conselho Empresarial do Tâmega e Sousa. Mas foi uma decisão muito sábia. Temos tudo para sermos uma região com qualidade de vida e desenvolvida, mas só conseguimos vencer unidos e numa escala maior.

Regressemos à Rota do Românico. O Marco de Canaveses é dos que tem maior número de monumentos...

São dez, mas precisamos de disponibilidade financeira para valorizar este património. A Câmara está em contenção financeira e não tem tido disponibilidade

para alavancar fundos comunitários para fazer uma intervenção global. Entreviemos já nas igrejas de S. Nicolau e Tabuado. S. Nicolau precisa de intervenções numa segunda e terceira fases, porque tem lá uns frescos de uma riqueza única. Estamos a intervir no Memorial de Alpendorada e gostaríamos de intervir na Ponte do Arco.

Restaurar o património não chega, até porque a Rota assume-se como um projeto de desenvolvimento regional...

Considero muito importante que todos os monumentos restaurados fossem visitáveis. É que estes monumentos têm de estar abertos para serem fruídos, não só por nós, que vivemos cá, mas para quem nos visita, sobretudo estrangeiros. Queremos afirmar a Rota como destino turístico privilegiado das sub-regiões do Tâmega e Sousa. Até porque isso valoriza a economia local.



Mais competência para a CIM

Manuel Moreira lidera a Associação de Municípios do Baixo Tâmega, entidade que agrega, desde 17 de maio de 2000, além desta autarquia, os municípios de Amarante, Baião e Celorico de Basto.

O também presidente da Câmara do Marco de Canaveses entende que estes territórios deveriam ter integrado a Rota do Românico, desde o início. Hoje, "a realidade é outra e reclama uma nova dimensão". Manuel Moreira, assumidamente regionalista, preconiza que seja a Comunidade Intermunicipal a entidade gestora dos fundos comunitários e da Rota do Românico. Garante que já lançou o debate e espera que até ao final do ano isso fique decidido.



*Palcos do Românico

Do largo para o museu

A noite cai no Largo da Ajuda e as Sombras do Românico assomam às janelas do Museu Municipal de Penafiel e convidam o público a entrar. Feita com uns olhos hipnotizantes e uma voz alta e bem colocada, é impossível recusar a convocatória.

Quando
as Sombras
iluminam
o caminho

*Palcos do Românico

Largo da Ajuda, Penafiel. É sexta-feira e a noite está a prestes a chegar. Quando a luz já quase se foi, principiam os acordes da Banda Juvenil da Vila de Rio Moinhos em frente à Igreja da Senhora da Ajuda. A música desperta as “sombras” que saem curiosas do Museu Municipal. São cerca de meia centena. Vestidas de negro, levam uma lanterna na mão e uma tela a tapar o rosto. O público só lhes vê o perfil. Preto recortado no branco da tela. As Sombras do Românico saíram à rua.

TEXTO DE TIAGO RODRIGUES ALVES E FOTOS DE FERNANDO PEREIRA

Este foi um dos 239 eventos promovidos pelos Palcos do Românico. Com 189 espetáculos e 50 oficinas, os Palcos pretendem valorizar o património imaterial – contos, lendas, músicas e danças – dos 12 concelhos da Rota. E, à conta da memória e da cultura, animar o património arquitetónico. No fundo, trata-se de repescar o passado, misturá-lo com o presente e dar-lhe um futuro. Por isso, enfatiza-se a colaboração entre profissionais e amadores locais para a produção de criações originais.

Para as Sombras do Românico, o Teatro de Ferro, de Igor Gandra e Carla Veloso, entrou com a equipa artística e o sabor técnico. Os grupos de teatro de S. Vicente e o Carpe Diem de S. Martinho de Recesinhos contribuíram com as tradições locais e muita entrega. A Banda Juvenil da Vila de Rio Moinhos deu a música.

“Foram duas semanas de ensaios muito intensas”, afirma Igor Gandra. Dos 70 participantes, apenas sete eram profissionais, mas isso não se notou no empenho mostrado. “Tinhamos pessoas de várias idades que iam trabalhar até às 18.30 horas e depois ainda vinham ter connosco. E houve adolescentes que fizeram disto um programa de férias. Estavam aqui de manhã à noite”, conta o diretor artístico. Carla corrobora: “A receptividade deles foi muito boa. A abertura e curiosidade foram excecionais, mesmo neste contexto de linguagens que a maioria desconhecia”.

“Nós apresentámos o nosso universo e a partir daí desenvolvemos um trabalho conjunto”, explica Carla Veloso. “Trabalhámos muito com a matéria que eles trouxeram, com as histórias e as lendas dos santos que deram o nome às suas terras”, acrescenta o diretor artístico.

Museu adentro atrás das Sombras

De volta ao Largo da Ajuda, a música já acabou. As sombras regressam, esfingicas,

ao Museu. Duas caras negras assomam às janelas. A revirar os olhos de um lado para o outro, as sombras convidam a entrar e a conhecer o passado. Rita, seis anos, já tinha estado no museu com a escola. “Vim ver as coisas valiosas dos tempos antigos”. Desta vez hesita em entrar. “A voz assustava muito”, confessava agarrada à mãe.

O interior do museu estava escuro. Mas as sombras iluminavam o caminho e conduziam os visitantes. Encostadas às paredes, os recortes dos perfis quebravam a negridão dos longos corredores. “Esta está triste. Esta é muito grande. Esta está zangada.” Rita mirava cada um dos rostos recortados nas telas com a típica curiosidade de criança.

Mas todos os olhares, jovens ou adultos, paravam sempre em Rui. Baixinho, corpo franzino para os seus sete anos de idade, vestido de preto e com suspensórios, era o elemento mais novo do grupo de S. Vicente. “Estava quase a rir-me”, confidenciava no final do espetáculo. “Mas foi muito fixe. Gostei de representar a história de S. Vicente e também do Santo António que fica perto de minha casa. Gostava muito de fazer mais coisas destas.”

No Museu, as sombras conduziam os visitantes até aos pátios exteriores. Neles, com a ajuda de silhuetas projetadas em lençóis, contavam-se histórias de outra. A capa de São Martinho, a generosidade do Zé do Telhado (o “Robin dos Bosques de Recesinhos”) e os corvos que protegeram o corpo de S. Vicente foram algumas das narrativas. Depois, no topo de uma varanda, uma sombra feminina, de calções e óculos escuros, “rappava” ao som de bombo e tambor.

“Foram duas semanas cansativas, mas também foram fantásticas”, dizia Liliana Ferraz, dos Carpe Diem de Recezinhos. “Foi bom porque mostrámos um bocadinho da nossa cultura e do nosso património.” Os olhos de Liliana brilhavam de sa-

tisfação. “Brilham porque foi uma noite muito agradável. Acho que toda gente gostou. Creio que vamos continuar a trabalhar com as sombras”, prometeu.

Os profissionais também estavam contentes com o resultado. “Nós tínhamos um profundo interesse em trabalhar neste contexto com outras pessoas e tornar possível esta experiência com grupos grandes e com outras práticas”, explica Igor Gandra. “Isto faz-nos sempre pensar muito nas fronteiras entre o profissional e o amador. Como é que os dois universos podem conviver. A conclusão a que chegámos é que ainda há muito que se pode fazer, e o sentimento é agradável”.

Bailado de luzes num palco de sombras

As Sombras conduzem-nos até um grande anfiteatro natural no quintal do Museu. As pessoas são convidadas a sentarem-se em bancos de pedra corridos. Lá ao fundo, uma grande tela servirá de cenário final do espetáculo. Ouve-se música e pequenos focos de luz quebram o escuro. Primeiro surgem como minúsculos pirilampos a voar na parede de tecido. Depois, aos poucos vão aumentando em tamanho e em quantidade. Sozinhos e depois aos pares, os círculos de luz saltam e dançam em sintonia ao som do piano. Para cima, para baixo, para os lados e em círculo, é um verdadeiro bailado de luzes num palco de sombra.

Passou quase uma hora desde que soaram os primeiros acordes no Largo da Ajuda. Pela primeira vez, as sombras revelam as faces para um merecido aplauso. Os olhos brilham de contentamento. Rapidamente trocam-se saudações entre artistas e público. O tempo é escasso. Daqui a pouco têm de cumprir a segunda e última atuação para quem não conseguiu entrar no museu na primeira. Duas semanas de trabalho intenso para menos de duas horas de espetáculo. Valeu a pena? Valeu, respondem as palmas e as sombras.



Por trás da tela

O último ato realiza-se no anfiteatro do pátio do Museu. De frente para uma grande tela branca e sentados em bancos corridos de granito, os espetadores vão ver um original bailado de luzes num palco de sombras.

Música despertadora

Os acordes da Banda Juvenil da Vila de Rio de Moinhos despertaram as sombras do museu e atraíram o público até ao Largo da Ajuda no centro histórico de Penafiel.



Teatro de Ferro

Igor Gandra e Carla Veloso fundaram o Teatro de Ferro em 1999. A companhia tem-se dedicado principalmente ao teatro com marionetas e notabilizou-se por parcerias improváveis em contextos inusitados.

*Falamos com os Presidentes

PROJETO DE RELEVO MAIOR PARA OS MUNICÍPIOS

01

Presidente da Câmara de Paredes
CELSO FERREIRA
 “A Rota é de grande importância para Portugal e para a região Norte. Permite reforçar o turismo cultural no Vale do Sousa, além de ter estado na origem de fundamentais obras de restauro e conservação de monumentos, contribuindo para o seu engrandecimento e elevação”.

02

Presidente da Câmara de Penafiel
ANTONINO DE SOUSA
 “A Rota é um importante projeto de turismo cultural, preservação, conservação e proteção da natureza e do património, consolidado numa grande projeção e dinamização económica do território. Povoado há 2 mil anos, o território penafidense é um museu ao ar livre”.

03

Presidente da Câmara de Celorico de Basto
MOTA E SILVA
 “Celorico tem um dos monumentos mais representativos da região: o Castelo de Arnóia. A Rota tem um papel importante, na promoção de espaços de referência com iniciativas que incitam a população e os turistas à visita e preservação de um património que nos identifica e enaltece”.

01

Mosteiro de Cête
 foi o monumento escolhido por Celso Ferreira para ser fotografado

02

Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa
 é, para o autarca de Penafiel, um dos mais belos da Rota do Românico

03

Castelo de Arnoia
 A vista que se alcança a partir daqui enche a alma do presidente da Câmara de Celorico de Basto

04

Igreja de São Cristóvão de Nogueira
 é, para o autarca de Cinfães, um dos mais relevantes ex-libris da Rota

05

Mosteiro de Santa Maria de Cárquere
 Um dos mais conhecidos monumentos da Rota. Foi aqui que Sandra Pinto escolheu ser fotografada

06

Torre de Vilar
 Pedro Machado não hesitou: a torre é um dos motivos de orgulho das gentes de Lousada

07

Mosteiro de Ancede
 José Luís Carneiro tem o privilégio de contar no seu concelho com esta preciosidade

08

Igreja de S. Gonçalo
 Apesar de não fazer parte da Rota do Românico, a Igreja é um elemento complementar da mesma

09

Mosteiro de Ferreira
 “Peça” da Rota escolhida pelo presidente da Câmara de Paços de Ferreira para ser fotografado

04

Presidente da Câmara
de Cinfães

ENFERMEIRO ARMANDO MOURISCO

"Pertencer à Rota é ter a possibilidade de Cinfães se posicionar na região como destino de referência. A Rota permite aos visitantes o encontro com a Natureza, as artes e ofícios tradicionais, o paladar da cozinha regado com os nossos verdes de excelência".

05

Vice-presidente
da Câmara de Resende

SANDRA PINTO

"Os 4 monumentos de Resende que integram a Rota são testemunho da importância desta terra num passado que remonta à nacionalidade. É dever de todos preservar/recuperar este património, avançar no turismo cultural, numa terra que quer afirmar-se no presente"

06

Presidente da Câmara
de Lousada

PEDRO MACHADO

"A Rota agrega potencialidades da região, combinando virtualidades locais com projeção histórica, cultural, educativa e turística. As intervenções nos monumentos e o investimento na promoção e animação deram-nos uma visibilidade nunca alcançada no turismo cultural".

07

Presidente da Câmara
de Baião

JOSÉ LUÍS CARNEIRO

"A integração na Rota constitui um facto da maior importância para Baião. A Rota é um exemplo admirável do conceito de 'territórios inteligentes', ao potenciar as características endógenas dos territórios por via da história, do património, do turismo e da animação cultural".

08

Presidente da Câmara
de Amarante

JOSÉ LUÍS GASPAR

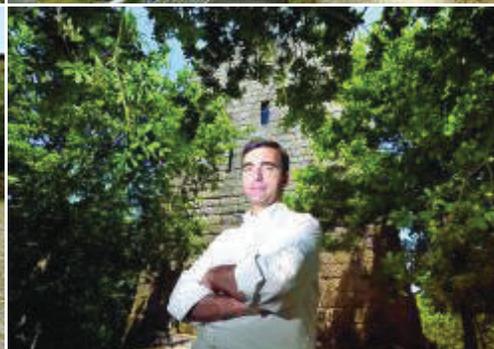
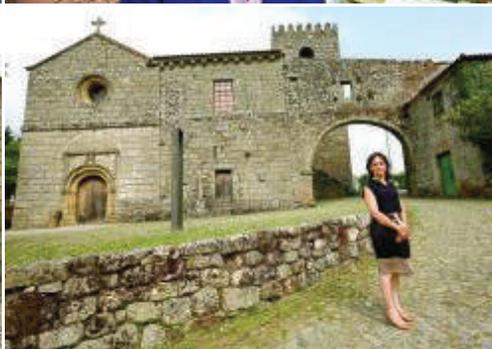
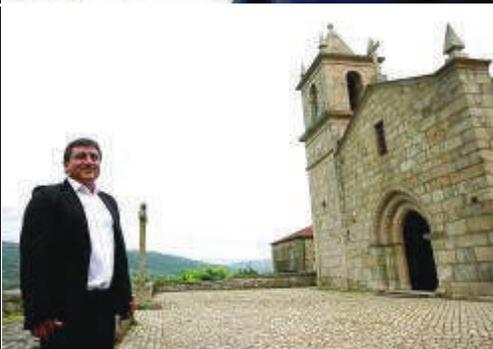
"É com muito orgulho que Amarante assume o seu envolvimento no projeto da Rota. Ao todo, são 10 os monumentos românicos presentes no nosso concelho, com o Mosteiro do Salvador de Travanca a assumir destaque, regionalmente e ao nível de todo o românico português".

09

Presidente da Câmara
de Paços de Ferreira

HUMBERTO BRITO

"A Rota fez um trabalho ímpar na afirmação do Sousa e Tâmega, sendo a âncora do desenvolvimento turístico deste território. Merece destaque a capacidade de liderança da Diretora, em torno de uma estratégia bem definida, sobretudo na proximidade e capacidade de unir o território."



O RESULTADO DAS VONTADES COMUNS

O reconhecimento do excecional valor de um conjunto alargado de bens patrimoniais enquadrados na tipologia da Arte Românica motivou vários responsáveis políticos da região Norte a considerar a necessidade de promover um programa de salvaguarda desses bens, estudando, restaurando e devolvendo à fruição pública elementos patrimoniais referenciais da História e da Identidade da região.



TEXTO DE ANTÓNIO PONTE (DIRETOR REGIONAL DE CULTURA DO NORTE)

Com vista a concretizar estes objetivos, no ano de 1988 foi criada a Rota do Românico pelos municípios da Associação de Municípios do Vale do Sousa – Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel, e em 2010, juntaram-se os municípios do vale do Tâmega – Amarante, Baião, Celorico de Basto, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende. A Rota do Românico tem o grande mérito de reunir num projeto supramunicipal vontades comuns de salvaguarda e promoção de um extenso e fundamental património da região Norte de Portugal.

Reconhecendo o valor e o papel deste projeto, a Direção Regional de Cultura do Norte e as instituições responsáveis pelo património que a antecederam neste desígnio de salvaguarda patrimonial, sempre estiveram lado a lado com a Rota do Românico, apoiando e acompanhando as intervenções que foram sendo promovidas.

Chegados a 2014, a Rota do Românico assume-se como um projeto exemplar de salvaguarda do património, sendo reconhecido o seu papel como um agente de dinamização local e regional, tanto do ponto de vista cultural como económico, face à importância que tem na oferta turística regional.

Com património restaurado e estudado, passou-se à fase da promoção e da animação com projetos de movimento cultural e turístico essenciais para o reconhecimento externo e para a dinamização dos locais onde se insere, potenciando a dinâmica cultural e económica, favorecendo a criação de emprego e desta forma merecendo o reconhecimento das gentes da região.

As mais-valias de cada território, a serem exploradas como potencial de diferenciação, assentam nas suas especificidades e na capacidade de gerar inovação aliada à competitividade, com resultados inequívocos na dinamização dos territórios.

Quando o esforço é conjunto e resulta da agregação de várias vontades, torna-se inevitável que esses resultados sejam ainda mais expressivos e com repercussões evidentes nas economias locais.

Articulando vários interesses e agentes, a Rota do Românico é um caso de estudo e um exemplo que muitas outras regiões pretendem replicar, porque, ao património imóvel de elevado interesse histórico, tem conseguido aliar as tradições locais, o artesanato tradicional e a gastronomia, a paisagem natural. Recursos turísticos de extrema importância no contexto da glocalização que não podemos, nem devemos, ignorar.

Em nome da Direção Regional de Cultura do Norte felicito todos os responsáveis e colaboradores deste projeto pelo impacto que assume no território, não só no que respeita à salvaguarda do património, mas também pela animação cultural que potencia e do desenvolvimento social e económico que daí resulta.

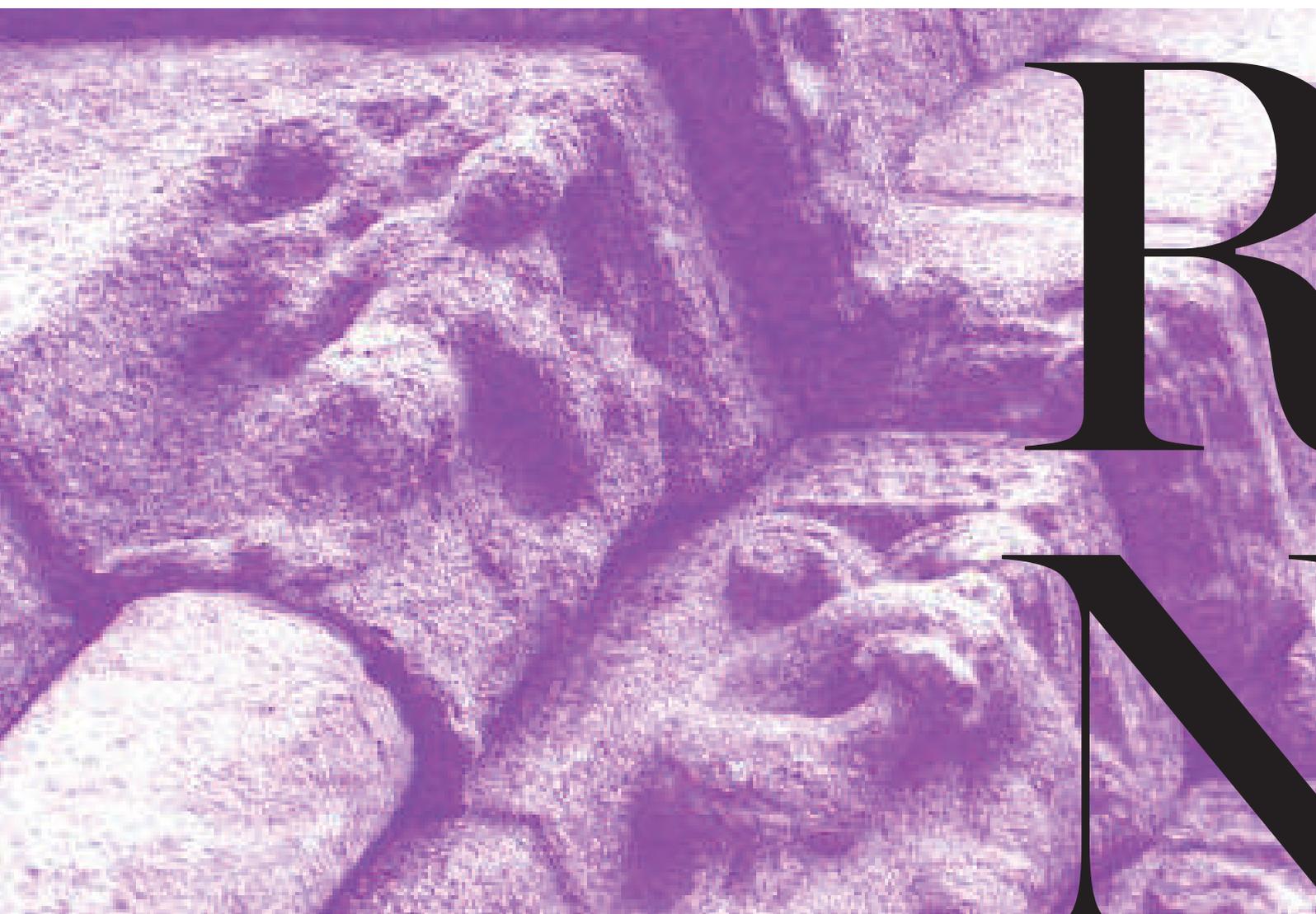
TESTE AQUI O QUE APRENDEU

- 01** Quais os municípios que integram a Rota do Românico?
- a) Amarante, Arouca, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Penafiel e Marco de Canaveses
- b) Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Marco de Canaveses e Resende
- c) Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Castro Daire, Celorico de Basto, Cinfães, Fafe, Felgueiras, Lousada, Paredes, Penafiel e Resende.
-
- 02** Quantos monumentos integram a Rota do Românico?
- a) 21
- b) 57
- c) 58
-
- 03** Os monumentos da Rota do Românico foram construídos entre os séculos?
- a) XIX - XX
- b) IV a. C. - II d. C.
- c) XI - XIV
-
- 04** Que tipos de monumentos integram a Rota do Românico?
- a) Igrejas, Mosteiros, Memoriais, Castelos, Ermidas, Torres e Pontes
- b) Fontes, Igrejas, Caminhos, Museus e Castros
- c) Torres, Mosteiros, Mamoas, Aquedutos e Pontes
-
- 05** Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, está sepultado:
- a) No Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa
- b) No Mosteiro de Santa Maria de Cárquere
- c) No Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro
-
- 06** Quais os principais rios que atravessam o território da Rota?
- a) Douro, Minho e Ave
- b) Sousa, Tâmega e Douro
- c) Sousa, Lima e Cávado
-
- 07** A Rota iniciou as obras de conservação no ano de?
- a) 2003
- b) 1998
- c) 2008
-
- 08** Qual o nome do único castelo que integra a Rota do Românico?
- a) Silves
- b) Arnoia
- c) Guimarães
-
- 09** Segundo a tradição, os memoriais da Rota do Românico foram erigidos em homenagem a:
- a) Beata Mafalda
- b) Egas Moniz
- c) Afonso Henriques
-
- 10** Quais as famílias do território da Rota do Românico ligadas à fundação de Portugal?
- a) Ribadouro, Maia e Sousa
- b) Ribadouro, Sousa e Baião
- c) Sousa, Baião e Bragança

Esta revista faz parte integrante da edição do dia 3/8/2014 do Jornal de Notícias e não pode ser vendida separadamente

R

D



R

N